CENTRO UNIVERSITÁRIO UNICARIOCA
MESTRADO PROFISSIONAL EM NOVAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO

Adriana Martins Gama

PRÁXIS E PRÁTICAS DOCENTES NO USO DE EMOJIS EM COMUNICAÇÕES DIGITAIS

Rio de Janeiro
2023

Adriana Martins Gama

PRÁXIS E PRÁTICAS DOCENTES NO USO DE EMOJIS EM COMUNICAÇÕES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

Orientador: Prof. Dr. Victor Gonçalves Gloria Freitas

Coorientador: Prof. Dr. Leonardo Monteiro Trotta

Rio de Janeiro
2023

G433p Gama, Adriana Martins
Práxis e práticas docentes no uso de emojis em comunicações digitais / Adriana Martins Gama – Rio de Janeiro, 2023.
91 f.

Orientador: Victor Gonçalves Glória Freitas
Coorientador: Leonardo Monteiro Trotta
Dissertação (Mestrado Profissional em Novas Tecnologias Digitais na Educação) - Centro Universitário UniCarioca, Rio de Janeiro, 2023.

1. Emojis. 2. Práxis pedagógica. 3. Tecnologias digitais. 4.Afetividade. I. Freitas, Victor Gonçalves Glória, prof. orient. II. Trotta, Leonardo, prof. coorient. II.Título.

CDD 371.344

ADRIANA MARTINS GAMA

PRÁXIS E PRÁTICAS DOCENTES NO USO DE EMOJIS EM COMUNICAÇÕES DIGITAIS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Novas Tecnologias Digitais na Educação do Centro Universitário UniCarioca como parte dos requisitos necessários para a obtenção do Título de Mestre em Novas Tecnologias Digitais na Educação.

O Presidente da Banca, abaixo assinado, atesta que os membros da banca participaram desta defesa de dissertação.

Examinado por:

gov.br Documento assinado digitalmente
VICTOR GONCALVES GLORIA FREITAS
Data: 25/10/2023 20:08:10-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

_____

Prof. Victor Gonçalves Glória Freitas, D. Sc. (UniCarioca)
Presidente da Comissão Examinadora

Prof. Marcos Antonio Silva, M. Sc. (UniCarioca)

Prof. Luís Carlos da Silva, D. Sc. (IME)

Rio de Janeiro

2023

"E é preciso também, na experiência de preservar a esperança necessária, que se identifiquem como exemplos da deterioração da sociedade, o desrespeito às classes populares, os salários indecentes dos professores do ensino básico, o desrespeito à coisa pública, os descalabros do mundo oficial, o desemprego, a miséria, a fome, verdadeiras pornografias na vida brasileira. A discriminação, não importa se contra o negro, a negra, contra a mulher, contra homossexuais, contra o índio, contra o gordo, contra o velho. É imperioso mantermos a esperança mesmo quando a dureza ou aspereza da realidade sugiram o contrário. A este nível, a luta pela esperança significa a denúncia franca, sem meias palavras, dos desmandos, das falcatruas, das omissões. Denunciando-os, despertamos nos outros e em nós a necessidade, mas o gosto também, da esperança. E que poderá fazer a educação com vistas à esperança? Enquanto processo gnoseológico ela engaja sujeitos — educadores — educandos — mediados pelo objeto cognoscível ou conteúdo a ser ensinado pelo sujeito educador e aprendido pelo sujeito educando. Qualquer que seja a dimensão pela qual apreciemos a prática educativa, a gnosiológica, a estética, a ética, a política, seu processo, se autenticamente vivido, implica sempre a esperança. É neste sentido que educadores desesperançados contradizem sua própria prática. São homens e mulheres sem endereço e sem rumo. Perdidos na história. No esforço de manter viva a esperança indispensável à alegria na escola, educadoras e educadores, não importa o que ensinem, deveriam analisar sempre as idas e vindas da realidade social. Idas e vindas que viabilizam maior ou menor razão de esperança." (Paulo Freire)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a quem não o lerá. Não por desinteresse, mas porque interditado seu direito ao conhecimento científico, à academia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à reitoria da UniCarioca, seus coordenadores e professores do Mestrado. Cada qual, à sua maneira, ensinou-me. Também sou grata aos meus orientadores, Professor Dr. Victor Freitas e Professor Dr. Leonardo Trotta, por tanta paciência e confiança no meu trabalho.

Agradeço à minha turma do Mestrado, colegas nessa etapa, e, especialmente, ao Bruno Neri, à Camila Masseron, à Claudete Chaffin, ao Joel Teixeira e ao Rodolfo Oliveira, que fizeram desse percurso um caminhar de mãos dadas.

Agradeço à direção da escola onde trabalho, Hélia Moura e Geisa Faria, pela compreensão e por todo o apoio que deram para eu realizar esse desejo. Sou grata também às demais companheiras de trabalho, com quem aprendo e com quem divido a maior parte dos meus dias e que acreditaram que eu conseguiria – mesmo quando duvidei.

Agradeço a três pessoas que não vivem mais na Terra, mas vivem na minha saudade e no meu coração: minha mãe Amélia, que teimou e me deu a vida; minha mãe Altair, que doou parte de seus dias para que a minha fizesse mais sentido; meu pai Alfredo Gama – e a cada pacote de cadernos do MEC, que levava para casa para que eu pudesse dar aulas para minhas bonecas, no meu quadro-janela-de-vidro -, um ser de amor.

Agradeço ao meu, André Sávio, que acreditou em mim mais do que eu jamais poderia, por sua compreensão em minhas ausências, paciente e companheiro em minhas angústias e por ser um abraço-lar.

Agradeço à Frida e à Susi, meus dois corações fora do peito, que estavam sempre ao meu lado, sob a mesa de estudo, dormindo ou me olhando, mas sempre por perto e fazendo com que eu sorrisse e me acalmasse nos muitos momentos de cansaço.

Agradeço aos participantes anônimos, que dedicaram seu tempo para essa pesquisa, e a todas as pessoas que "não posso ver um emoji que lembro de você!".

À Professora Dra. Vanessa Gil por sua amorosidade, seu profissionalismo e sua disponibilidade e ao Philipe Kling Davi por ser um artista maravilhoso (e uma pessoa pra lá de fora da curva) por disponibilizarem tempo para fazerem comigo o primeiro e o segundo episódios do podcast "Teoria na prática é… ouro!".

Agradeço a mim e à minha coragem de realizar um sonho de criança, pois desde os três anos já sabia que seria professora - numa sociedade que AINDA não entendeu a importância da docência - e, finalmente, sou grata à humanidade porque inventou a palavra, a arte, o computador e... o emoji ☺♥!

RESUMO

A pesquisa que originou a presente dissertação de Mestrado teve por objetivo geral investigar a presença ou a ausência de intencionalidade docente no uso de emojis e figurinhas em comunicações digitais em contexto educacional. Através de questionário on-line, 93 participantes responderam, sendo 48 docentes, de vários níveis e modalidades de ensino, e 45 não docentes. Pudemos constatar que atribuir afetividade foi a resposta com maior incidência em ambos os grupos. Entretanto, não houve menção aos aspectos políticos, culturais e de competências de multiletramento no que tange à produção, à deliberação e à publicização dos tão populares emojis. O referencial teórico fundamentou-se nas contribuições da Pedagogia Crítica de Paulo Freire no que tange às dimensões humanas, éticas, filosóficas, científicas, históricas e sociais envolvidas no tema do uso docente de emojis, que contribua para uma práxis pedagógica comprometida com a formação de cidadãos críticos e participativos, também no mundo digital. Além disso, aportes teóricos de Vygotsky, Henri Wallon e Humberto Maturana auxiliaram nossa compreensão sobre as dimensões afetivas dos processos de aprendizagem. O método de trabalho investigativo configurou-se como uma pesquisa aplicada à área educacional, precipuamente à práxis docente, com uma abordagem mista, investigação qualitativa-quantitativa e foi possível constatar que a intencionalidade mais significativa no uso de emojis, em ambs os grupos, foi a de atribuir afetividade à comunicação. Muito significativa, também, foi a ausência de menção aos aspectos políticos, culturais e de competências de multiletramento, no que tange à produção, à deliberação e à publicização dos tão populares emojis.

Palavras-chave: Emojis. Práxis Pedagógica. Tecnologias Digitais. Afetividade.

ABSTRACT

The research that led to this Master's thesis had the general objective of investigating the presence or absence of pedagogical intentionality in the use of emojis and stickers in digital communication in an educational context. Through an online questionnaire, 93 participants responded, of whom 48 were teachers from different levels and teaching modalities, and 45 were non-teachers. We were able to verify that the attribution of affection was the most frequent response in both groups. However, there was no mention of the political, cultural and multiliteracies aspects of the production, deliberation and dissemination of the very popular emoticons. The theoretical framework was based on the contributions of Paulo Freire's Critical Pedagogy regarding the human, ethical, philosophical, scientific, historical and social dimensions involved in the topic of teaching the use of emoticons, contributing to a pedagogical practice committed to the formation of critical and participatory citizens, also in the digital world. Furthermore, the theoretical contributions of Vygotsky, Henri Wallon and Humberto Maturana contributed to our understanding of the affective dimensions of learning processes. The research method was configured as applied research in the educational field, mainly in teaching practice, with a mixed approach, qualitative-quantitative investigation and we found that the most significant intentionality in the use of emojis, in both groups, was to attribute affectivity to communication. Also very significant was the lack of mention of political, cultural and multilingual skills aspects in the production, deliberation and publicization of popular emojis..

Keywords: Emojis. Teaching Praxis. Digital Technologies. Affectivity.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Porcentagem de escolas urbanas e rurais com acesso à internet..... p. 14
Gráfico 2 - Composição do CGI.br .....p. 36
Gráfico 3 - Informações sobre os participantes .....p. 55
Gráfico 4 - Dados sobre atuação dos docentes .....p. 57
Gráfico 5 - Utilização de aplicativos de conversas .....p. 58
Gráfico 6 - Uso de emojis ..... p. 59
Gráfico 7 - Intencionalidade no uso de emojis ..... p. 60
Gráfico 8 - Influência da pandemia no uso de emojis ..... p. 60
Gráfico 9 - Uso de emojis por docentes ..... p. 61
Gráfico 10 - Memórias escolares - Figurinhas, carimbos e outros .....p. 62
Gráfico 11 - Participantes no papel de discentes e suas comunicações com docentes ..... p. 64

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Uso discente de equipamento para acessar a internet (escolas urbanas) .....p. 13
Tabela 2 - Porcentagem de computadores em escolas rurais .....p. 14

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular
CMC – Comunicação Mediada por Computador Bidimensional
PCNs - Parâmetros Curriculares Nacionais
PD – Participante Docente
PND – Participante Não Docente
TDICs—Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 12
1.1 RELEVÂNCIA DA PESQUISA 12
1.2 INQUIETAÇÃO 17
1.3 PROBLEMATIZAÇÃO 18
1.4 OBJETIVOS 19
1.4.1 **Objetivo geral** 19
1.4.2 **Objetivos específicos** 19
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA 20
2.1 PRÁXIS E PRÁTICA PEDAGÓGICAS: ALGUMAS PALAVRAS 20
2.2 PEDAGOGIA CRÍTICA 21
2.3 EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE 25
2.4 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS 30
2.4.1 **Comunicação não verbal** 37
2.4.1.1 Emoticons 39
2.4.1.2 Emojis 42
2.4.1.3 Uso de emojis em contextos educacionais 45
3 MÉTODO 51
3.1 COLETA DE DADOS 51
3.2 AS PERGUNTAS 52
3.2.1 **Participantes docentes** 53
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS 55
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES 69
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 81
REFERÊNCIAS 82
APÊNDICE A 87

1 INTRODUÇÃO

Na contemporaneidade, as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) desempenham um papel ubíquo em nossa sociedade, sendo utilizadas não apenas por adultos, mas também por crianças, inclusive pequenas, que vivem e fazem a cultura digital.

Conforme Bortolazzo (2020), Cultura Digital não se restringe às tecnologias digitais, mas abrange todas as formas de atividades e pensamentos moldados por essas tecnologias. Ela engloba uma ampla gama de elementos, incluindo comunicações instantâneas, realidade virtual, entretenimento digital e influência de empresas de tecnologia e comércio online, e é uma manifestação complexa que permeia a vida contemporânea, influenciando como as pessoas vivem, trabalham e interagem na sociedade atual.

A disseminação acelerada de dispositivos móveis, redes sociais e aplicativos conectou indivíduos em uma rede global de informações e interações instantâneas, ampliando consideravelmente o acesso à informação e à comunicação. Essa conectividade onipresente tem implicações profundas em diversas esferas, incluindo a educacional e, em consonância com a pesquisa de Machado e Costa (2023), a escola é uma instituição que lida com pessoas e precisa considerar sua responsabilidade em refletir sobre como a sociedade e as ferramentas tecnológicas afetam a vida dos estudantes.

Por conseguinte, é basilar compreendermos os desafios decorrentes do uso das TDICs em contextos educacionais e suas implicações para os fazeres docentes, uma vez que, ainda de acordo com as pesquisadoras, as influências dessas ferramentas se refletem na escola e impactam o processo de aprendizagem dos alunos, assim como demandam novas práticas pedagógicas essenciais para alinhar a escola com as mudanças sociais e tecnológicas, visando a um melhor diálogo entre a escola e a sociedade.

Desejamos que nossa dissertação contribua para tais reflexões e fomente discussões construtivas sobre o tema.

1.1 RELEVÂNCIA DA PESQUISA

A inegável presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e da Comunicação Mediada por Computador (CMC) em nossas vidas instiga reflexões acerca de sua capacidade transformadora nos processos de ensino e aprendizagem, a partir de reflexões que envolvem pluralidade de análises e contrapontos, numa relação desejadamente dialógica e

dialética, uma vez que as mesmas TDICs podem mitigar ou agravar desigualdades sociais e suas consequências nefastas.

Pesquisas do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação – Cetic.br, feitas nos anos de 2016 a 2020 (em média 1.000 escolas por ano), na Educação formal de nível básico brasileiro, evidenciaram um crescente uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs), bem como alguns dados sobre o uso de internet. Seguem abaixo algumas conclusões, a partir da análise dos resultados:

Na tabela 2, em escolas urbanas, houve decréscimo no uso de computadores portáteis e de mesa e aumento persistente no uso de celulares:

Tabela 2 - Uso discente de equipamento para acessar a internet (escolas urbanas) – em porcentagem

Proporção	Ano			
Computador portátil	**2016**	**2017**	**2018**	**2019**
Total	46,5	51,3	46,9	43,5

Proporção	Ano			
Computador de mesa	**2016**	**2017**	**2018**	**2019**
Total	51,9	48,6	45	40,7

Proporção	Ano			
Celular	**2016**	**2017**	**2018**	**2019**
Total	93,3	96,6	97,2	97,5

Proporção	Ano			
Tablet	**2016**	**2017**	**2018**	**2019**
Total	34,9	37,2	36	30

Fonte: NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (2021).

Na tabela 2, em escolas rurais houve decréscimo na quantidade de computadores portáteis e de mesa e manutenção persistente do (baixo) quantitativo de *tablets*:

Tabela 2 - Porcentagem de computadores em escolas rurais

Proporção	Ano		
Computador de mesa	**2017**	**2018**	**2019**
Total	50,3	43,2	43,2

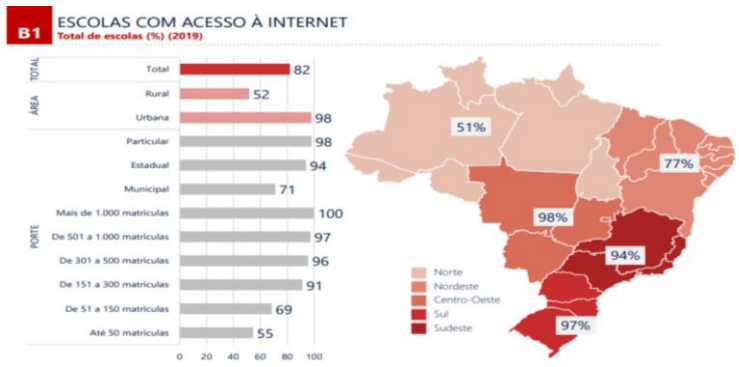
Proporção	Ano		
Computador portátil	**2017**	**2018**	**2019**
Total	34,2	30,5	30,5

Proporção	Ano		
Tablet	**2017**	**2018**	**2019**
Total	5,6	5,7	5,7

Fonte: NÚCLEO DE INFORMAÇÃO E COORDENAÇÃO DO PONTO BR (2020).

De acordo com a tabela 1, 98% das escolas urbanas declararam ter acesso à internet, porém este quantitativo cai para 52% das escolas nas áreas rurais. É possível observar também que as escolas municipais apresentam porcentagem abaixo das particulares e estaduais. Apesar de o acesso à internet não significar, propriamente, que ocorre por meio de banda larga e com estrutura de equipamentos para que os docentes utilizem com os alunos, já podemos perceber uma diferença significativa de acesso à internet, o que, certamente, impactua diretamente no processo educacional.

Gráfico 2 - Porcentagem de escolas urbanas e rurais com acesso à internet



Fonte: CGI.br/NIC.br (2020).

A partir dos dados retromencionados, resta claro que ter acesso ao mundo digital não é equitativo e evidencia a necessidade de políticas públicas voltadas para a inclusão digital. Além disso, é fundamental compreendermos que ter acesso à internet não é o bastante e muito menos um fim em si mesmo. É necessário ir além e refletir sobre a atualíssima pergunta de Paulo Freire, que ainda nos instiga: *A serviço de quem as máquinas e a tecnologia avançada estão?* (Freire, 1984). Esta indagação nos desafia a examinar os propósitos e as intenções subjacentes ao uso das ferramentas tecnológicas.

A Educação é um campo dinâmico e multifacetado, no qual diferentes perspectivas entrelaçam-se para criar um panorama rico, plural e complexo. Docentes, discentes, pesquisadores e membro da comunidade educacional possuem suas próprias visões de mundo, suas experiências únicas e conhecimentos diversos. Assim como fragmentos coloridos em um caleidoscópio, diferentes perspectivas interagem, formando um conjunto vibrante de ideias, opiniões, abordagens, valores e experiências, que podem ser compartilhados e integrados em um diálogo construtivo. E uma perspectiva que envolve tecnologias digitais, comunicação e práxis pedagógica diz respeito ao uso de emojis.

Emoticons, emojis e figurinhas são elementos visuais e simbólicos, populares nas comunicações online, que podem agregar dimensões emocionais e expressivas ao ato de comunicar e conferir afetividade, proximidade, além de possibilitar maior diversidade de interações ao auxiliarem na transmissão de sentimentos e nuances nas mensagens. Entretanto, é fundamental destacar que, na comunicação escrita, a ausência de recursos informacionais, como expressões faciais, gestos, entonação de voz, silêncios, entre outros, pode resultar em mal-entendidos e até conflitos, uma vez que a comunicação não verbal desempenha um papel extremamente importante na compreensão do significado de uma mensagem.

A partir dos resultados das pesquisas bibliográficas e da análise dos dados coletados em nossa pesquisa, entendemos que o fulcro deste trabalho será um recorte sobre utilização de emojis e justificamos tal delimitação.

As diferenças e similaridades entre os dois tipos de ícones gráficos ainda carecem de estudos e, de acordo com Konrad et al. (2020), emojis são ícones padronizados e universais, utilizados principalmente para expressar emoções e reações, além de serem considerados mais convencionais, usados para expressar emoções básicas e estados de espírito, frequentemente substituindo o texto; enquanto figurinhas são gráficos maiores e mais específicos, permitindo uma expressão mais diversificada e criativa, além de mais pragmáticos, marcados pela expressividade, intensidade e intimidade, utilizados para representação pessoal, manutenção do

status social e gerenciamento de impressões. Os adesivos se tornaram uma forma popular de expressar emoções e ideias no WhatsApp.

Uma característica singular de produção de figurinhas digitais refere-se ao fato de que podem ser criadas pelos usuários, bem como são repletas de sentidos mais localmente, uma vez que tendem a ser impregnadas de humor e podem representar círculos menores de cultura, ao contrário dos emojis ditos oficiais, que têm um processo diferente de produção e divulgação – trataremos disto no capítulo pertinente à produção de emojis.

Após estudos, identificamos que o uso de figurinhas digitais requer outro aporte teórico e prático, que analisem suas peculiaridades de produção, de configuração visual, de representação, seus usos e finalidades, ainda que desempenhem funções importantes nas interações digitais como elementos visuais e emocionais.

Para o recorte investigativo quanto ao uso de emojis em contextos educacionais, realizamos uma pesquisa bibliográfica (utilizamos os seguintes termos de busca: *teaching practices OR pedagogical practices AND digital communication AND digital literacy; pedagogical practices AND emoji*). Adicionamos filtros temporal - do ano de 2019 para cá - e de idioma - Português, Espanhol e Inglês -, nas bases de dados Capes, Educ@, Eric, Scielo e Google Acadêmico.

Com auxílio do programa Zotero, de código aberto, portanto gratuito, pudemos registrar 916 trabalhos, que tratam sobre o tema comunicações digitais e sobre emojis, dentre os quais, com auxílio de mecanismo de busca do software, 94 tratavam sobre emojis e Educação. Após análise dessas publicações, encontramos a questão sobre práticas pedagógicas críticas em seis delas.

Constatamos que, embora haja uma ampla gama de trabalhos científicos e publicações que abordam a utilização de emojis e figurinhas digitais, há uma tendência predominante em estudar o seu uso sob os seguintes vieses: recurso paralinguístico no auxílio de expressões de sentimentos e emoções; ferramentas para o ensino de autoconhecimento e inteligência emocional; para a promoção de interações pessoais e atribuição de afetividade; como recurso no ensino de idiomas; em trabalhos sobre uso de redes sociais, sendo estas instrumentos didáticos; dentre outros aspectos.

Portanto, apesar de popular e crescente o uso de emojis e figurinhas em comunicações digitais, ainda são poucos os estudos que investigam sua utilização intencional e crítica em contextos educacionais e as possíveis implicações para as aprendizagens discentes, levando-nos a considerar que este trabalho pode contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o uso de tais recursos visuais em contextos educacionais, bem como para o desenvolvimento de

práticas pedagógicas mais críticas, inclusivas e significativas, que considerem as potencialidades e limitações desses recursos, os impactos nas relações interpessoais e no processo de ensino-aprendizagem.

1.2 INQUIETAÇÃO

A semente desse trabalho nasceu em 2018, na escola onde trabalhamos, quando um aluno de quatro anos, ao ser questionado sobre o motivo do comportamento que tivera, fez uma expressão com o rosto e colocou a mão no queixo, com o dedo indicador ao lado da boca. A mensagem foi interpretada e pronto, ele fazia a imitação do emoji *thinking face* (carinha pensando). Ao perguntarmos que expressão era aquela, prontamente respondeu: "Estou pensando, ué!". Perguntamos, então, por que precisava fazer a tal expressão para pensar e onde ele havia aprendido. Ele respondeu que não precisava, mas que era muito legal e que aprendeu conversando com a tia no "zap" da mãe.

Temos observado, no cotidiano escolar, cada vez mais frequentemente, a presença de elementos do mundo digital nos discursos, brincadeiras e desenhos das crianças, constatação esta que concorda com Carotenuto et al. (2020), quando afirmam que:

> Especificamente em relação ao aluno, somado às suas condições sociais, sobretudo hoje vai emergindo, de forma irreversível, um estoque de novas conexões superficiais ou profundas com o mundo. E as TDICs, todas aí, numa presença imperativa. Um eu-aluno (subjetivo) frente ao mundo (objetivo) que o cerca, acarreta, cada vez mais, um estreitamento da relação real/virtual que vai adensando perdas e sobretudo ganhos em aprendizado pessoal e coletivo. Cada vez mais qualquer que seja o aluno, mesmo com suas carências, vai para a escola interconectado com grupos com que se identifica, dentro ou fora dela, em um faz-e-desmancha dinâmico.

Após a pandemia e inegáveis mudanças no cenário CMC, ressurgiram o tema dos emojis e a lembrança sobre a história narrada no início desse subcapítulo, em uma conversa informal com colegas, professoras e professores, na qual falávamos sobre as razões que nos levam a utilizar emoticons, emojis e figurinhas, em comunicações digitais.

Inicialmente pensamos que o uso desses elementos, na comunicação entre docentes e discentes (presumivelmente um âmbito mais formal), ocorre em função de um desejo de atribuir afetividade, leveza e humor às conversas. Porém, conforme dialogávamos, surgiam outras hipóteses e desdobramentos quanto a cuidados necessários, sobre construção identitária pessoal e cultural, sobretudo no cenário contemporâneo, marcado por movimentos antirracistas, questões de gênero e atenção ao respeito à diversidade, às diferenças e à inclusão escolar.

Após análise e reflexão, identificamos que o cerne de tais questionamentos reside na práxis docente, isto é, no conjunto de práticas permeado por intencionalidade que redundam em decisões sobre técnicas e processos de ensino – práticas pedagógicas –, com o objetivo de proporcionar experiências de aprendizagens reflexivas e contributivas para o desenvolvimento pessoal e subjetivo dos indivíduos – seres historicamente inseridos e socialmente contextualizados.

1.3 PROBLEMATIZAÇÃO

Face ao exposto e considerando que os emojis se tornaram ubíquos nas comunicações digitais e no cotidiano (em filmes, jogos, estampas em roupas, objetos de decoração, broches, alimentos etc.) e, ainda, que educadoras e educadores desempenham um papel fundamental na formação discente e na promoção de literacia e cidadania digitais, é importante ressaltar a existência de uma lacuna significativa de pesquisa e de literatura acadêmica, que analisem e discutam as intencionalidades docentes e as abordagens reflexivas e críticas no uso de emojis e figurinhas, inclusive quanto à sua criação, divulgação e utilização, e a consequente compreensão de implicações pedagógicas e socioculturais.

Em síntese, o problema de pesquisa consistiu em investigar, sob o ponto de vista docente, a presença ou a ausência de intencionalidade e/ou consciência crítica no uso de emojis e figurinhas, isto é, se o fazem de maneira espontânea, sem um propósito educacional definido, ou se fazem uso de forma consciente (como ferramentas pedagógicas para facilitar a comunicação, atribuir afetividade e fortalecer vínculos entre professor/a e estudante e subsidiar reflexões sobre construções identitárias pessoais e culturais).

Partimos das seguintes hipóteses: o uso de emojis em comunicações digitais entre docentes e discentes ocorre com a intenção de tornar as conversas mais afetivas e engajadoras; há pouco conhecimento sobre a produção e disseminação de emojis e, portanto, pouca reflexão crítica sobre consequências às culturas; o uso de emojis em contextos educacionais, em função de sua popularidade, necessita de maior cuidado por razões multifatoriais – que serão exploradas no corpo desse trabalho.

Além disso, este trabalho almeja promover um debate relevante e atual sobre Educação mediada por tecnologias digitais, especialmente em ambientes virtuais de comunicação e aprendizagem, com vistas a uma educação digital mais reflexiva e responsável e para a formação de cidadãs e cidadãos, nos mundos real e virtual, críticos e conscientes.

1.4 OBJETIVOS

Neste capítulo, indicaremos os objetivos que conduziram nossa pesquisa, conscientes de que, conforme Marconi e Lakatos (2002), toda pesquisa imprescinde da delimitação de um propósito claro que oriente o percurso do trabalho, a saber, os objetivos, para que sejam alcançados os resultados desejados de maneira eficaz.

1.4.1 Objetivo geral

Investigar a presença ou ausência de intencionalidade docente no uso de emojis, em comunicações digitais em contexto educacional.

1.4.2 Objetivos específicos

- Identificar se docentes utilizam emojis em conversas digitais em contextos educacionais.
- Constatar se há intencionalidade pedagógica, quando utilizam tais recursos não verbais em contextos educacionais
- Analisar as percepções docentes sobre a utilização de emojis em contextos educacionais.
- Verificar se existem diferenças significativas no uso de emojis por docentes e não docentes, por meio da comparação de seus discursos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

> *"Mas eu não constato que a escola esteja desaparecendo e vá desaparecer. Por isso eu apelo para que nós, os que escapamos da morte da escola e que estamos sobreviventes aqui, modifiquemos a escola. Pra mim, a questão não é acabar com ela, mas é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela, de um corpo que não mais corresponde à verdade tecnológica do mundo, um novo ser tão atual quanto a tecnologia."* (Paulo Freire)

O referencial teórico fundamenta-se nas contribuições da Pedagogia crítica de Paulo Freire, no que tange às dimensões humanas, éticas, filosóficas, científicas, históricas e sociais envolvidas no tema do uso docente de emojis, contribuindo para uma práxis pedagógica comprometida com a formação de cidadãos críticos e participativos, também no mundo digital.

Além disso, as teorias de Vygotsky, Henri Wallon e Humberto Maturana enriquecem nossa compreensão sobre as dimensões afetivas dos processos de aprendizagem. Wallon, em sua teoria do desenvolvimento humano, destaca a relevância da afetividade no processo de aprendizagem e na formação da identidade, evidenciando como as emoções desempenham papel fundamental nas interações sociais e educacionais. Por sua vez, Maturana, em sua teoria da autopoiese (capacidade de um sistema vivo de se autoproduzir e manter sua estrutura ao longo do tempo, através de uma contínua troca de materiais e energia com seu ambiente) e da biologia do conhecimento, ressalta a conexão intrínseca entre emoções, cognição e comportamento, destacando a influência da experiência afetiva em nossas percepções e ações no mundo.

2.1 PRÁXIS E PRÁTICA PEDAGÓGICAS: ALGUMAS PALAVRAS

> *"Sei que sei como sei que não sei o que me faz saber, primeiro, que posso saber melhor o que já sei, segundo, que posso saber o que ainda não sei, terceiro, que posso produzir o conhecimento ainda não existente."* (Paulo Freire)

O entendimento conceitual de práxis docente envolve diferentes dimensões eminentemente humanas, abrangendo aspectos éticos, filosóficos, científicos, históricos e sociais dos fenômenos educativos, bem como a compreensão de que não há separação entre práxis e prática, embora apresentem características distintas; ao invés disso, são interdependentes.

No livro *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*, de Paulo Freire (2011), encontramos na pedagogia crítica a concepção de que, ao largo de estéril intelectualismo, práxis docente é ação-reflexão-ação, portanto, é também prática que busca promover conscientização, reflexão e participação ativa docente e discente. Manifesta-se nos espaços de aprendizagens por meio de ações concretas, tais como escuta atenta dos estudantes, planejamento cuidadoso, pensamento científico, escolha de métodos e estratégias pedagógicas apropriadas, uso de recursos didáticos adequados e análise de resultados – que, por sua vez, conduzem à reflexão.

A consciência crítica do professor em relação aos contextos sociais, políticos e culturais, bem como quanto à temporalidade humana, orienta abordagens pedagógicas que estimulam a reflexão sobre as estruturas de opressão e desigualdades presentes na sociedade, assim como contribui para a promoção de um ambiente de respeito, acolhimento e valorização das vozes e experiências dos estudantes, logo, para uma relação horizontal e dialógica em "sala de aula", sob o entendimento de que: "O homem existe — *existere* — no tempo. Está dentro. Está fora. Herda. Incorpora. Modifica. Porque não está preso a um tempo reduzido a um hoje permanente que o esmaga, emerge dele. Banha-se nele. Temporaliza-se" (Freire; Freire, 2015).

2.2 PEDAGOGIA CRÍTICA

A pedagogia crítica é uma abordagem educacional que foi desenvolvida e difundida pelo Professor Paulo Freire, com sua visão progressista e transformadora da educação, que visa promover a conscientização, a emancipação e a justiça social. Baseia-se em um diálogo horizontal entre educadores e educandos, através do qual o conhecimento é construído coletivamente, levando em consideração a realidade social, cultural e política dos aprendentes.

Paulo Freire nasceu em 1921 e dedicou-se à Educação, mas não a qualquer educação. Sua filosofia pedagógica foi profundamente influenciada pela realidade social e política do Brasil, nas décadas de 1950 e 1960, um período marcado por enorme desigualdade social e uma ditadura militar – que causou seu exílio para o exterior, de setembro de 1964 a junho de 1980.

Ao desenvolver um trabalho de alfabetização de adultos, no Nordeste do Brasil, percebeu a importância de engajar os educandos em um processo de conscientização crítica para a transformação de sua própria realidade, a partir da própria realidade. Talvez uma percepção germinada em suas experiências infantis, como podemos verificar em seu texto, *Minha primeira professora*, "Minha alfabetização não me foi nada enfadonha, porque partiu de palavras e frases ligadas à minha experiência, escritas com gravetos no chão de terra do quintal" (Freire, 1997, p. 3).

A importância de seus pensamentos e de sua obra é imensa e é corroborada pela atualidade de seus pressupostos e princípios, além de serem fonte de inspiração para educadores em todo o mundo, como base para reflexões sobre práticas educacionais mais engajadas e transformadoras, ressoa com as demandas de uma educação, mais que inclusiva, não excludente, democrática e transformadora.

Durante nossos estudos e pesquisas bibliográficas para o Mestrado, deparamo-nos com textos e análises sobre pedagogias de Paulo Freire e, por um certo tempo, dedicamo-nos a refletir sobre esse plural: seriam várias as pedagogias freirianas?

Respeitando a cronologia da escrita de cada livro, de um em um, buscamos possíveis convergências e divergências entre as "pedagogias". Logo percebemos que há apenas uma Pedagogia freiriana, complexa como o tornar-se humano, crítica, uma Pedagogia artesã, um fio de Ariadne, que nos provoca a pensar o caminho, caminhando. E constatamos nossa conclusão com um texto de José Eustáquio Romão, *Pedagogias de Paulo Freire* (in Mafra et al, 2009) que dialoga com nossa pergunta inicial sobre as "pedagogias" freirianas:

> Contudo, a aparente proposição de várias "pedagogias" por Paulo Freire, parece traduzir, na verdade, as múltiplas faces ou dimensões de uma única e mesma Pedagogia – que ele fazia questão de escrever, muitas vezes, com letra maiúscula. Trata-se de uma única concepção de vida, de uma única e exclusiva visão de mundo, que ultrapassa as formulações pedagógicas específicas e o sentido restrito do termo. Porém, "lendo", crítica e permanentemente, o mundo em que vivia, Paulo Freire reescrevia, incansavelmente, esta concepção, atualizando-a, e, por isso, dava a impressão de que produzia várias pedagogias. As "pedagogias freirianas" constituem as resultantes da análise crítica, os componentes de uma consciência de classe oprimida em processo de atualização permanente. Essas pedagogias constituem o legado de um pensador que escolheu a educação não apenas como profissão, mas como opção de vida, porque viu nela um instrumento privilegiado de construção da "Paidéia" enquanto processo civilizatório.

Portanto, escolhemos a Pedagogia crítica freiriana em função de seu conjunto poderoso de princípios para uma prática educativa consciente, no que tange à utilização intencional e crítica de emojis em contextos escolares, apoiando-nos conceitos que relataremos doravante.

O princípio básico é o entendimento de **Educação como prática de liberdade.** que trabalha para a transformação social, através do desenvolvimento de pensamento crítico, da autonomia, por meio de uma educação libertadora, que não se limite à transmissão de conhecimentos (educação bancária), mas que vise à emancipação dos educandos e à superação das estruturas de injustiça e opressão, uma vez que "A libertação é possibilidade; não sina, nem destino, nem fado" (Freire, 2015).

Ao desenvolver o pensamento crítico e a autonomia dos estudantes em relação ao uso de emojis, os educadores podem cultivar uma abordagem educativa, que vai além da mera

transmissão de informações. Os emojis são uma porta de entrada para a discussão sobre representação, comunicação e inclusão na era digital, e a educação como prática de liberdade reconhece a capacidade dos alunos de questionar, desafiar e transformar as normas digitais existentes. Literacia digital como prática política, como direito aos saberes construídos em sociedade e pela sociedade.

Essa Educação como prática de liberdade alicerça-se em outro conceito freiriano, o da Esperança, conforme Freire (2011), quando enfatiza que a esperança é inerente à natureza humana e desempenha um papel fundamental na busca constante por melhorias e no desenvolvimento individual. E a desesperança representa uma negação dessa esperança natural, e que a esperança é um elemento essencial para a experiência histórica e o progresso humano

Outros três princípios freirianos, que confluem para uma Educação libertadora, são a **dialética,** o **diálogo e o perguntar**. Por meio da **dialética,** busca-se superar a visão dicotômica e estática do conhecimento, promovendo uma abordagem mais dinâmica, contextual e relacional, e a construção conjunta de conhecimentos. Ao estimular uma reflexão crítica sobre a complexidade das relações sociais, oferece uma lente, por meio da qual educadores e estudantes podem abordar os emojis como símbolos de expressão cultural e social, ao aprenderem sobre os processos de criação e publicização dos mesmos, interligando diversas ideias, perspectivas e pontos de vista.

Por sua vez, o **diálogo**, configura-se como escolha ética e política, como método de ensino que promove participação ativa dos estudantes nas discussões e na construção do conhecimento, propiciando uma relação horizontal e participativa, permitindo que os sujeitos se expressem, compartilhem conhecimentos e construam aprendizagens juntos.

É pelo diálogo, como apontado por Freire (2013), que evitamos a educação bancária, que valoriza o transferir conhecimento, em prol de um processo de comunicação que envolve a interação entre sujeitos que buscam juntos dar significado aos conceitos e informações, tornando a aprendizagem um encontro colaborativo em busca de compreensão e significado.

Ao envolver os estudantes em discussões ativas, a partir das próprias experiências, pode-se explorar as funções e os usos de emojis em diferentes contextos culturais e linguísticos, seus significados culturais, portanto, amplia-se para a noção de diálogo intercultural, isto é, valorização e respeito pelas diferentes culturas e conhecimentos presentes na sociedade.

E, através do questionamento, do **perguntar,** ou seja, por meio da investigação, fazemos reflexões sobre a realidade, problematizamos situações vivenciadas por nós e/ou presentes nas redes sociais. Aprender a fazer boas perguntas estimula o debate e a busca por respostas que possam transformar a realidade, conforme Paulo Freire: “A existência humana é, porque se fez

perguntando, a raiz da transformação do mundo. Há uma radicalidade na existência, que é a radicalidade do ato de perguntar" (Freire, 2013a), portanto questionar e investigar como os emojis podem influenciar a interpretação das mensagens, como eles se relacionam com a cultura e como podem ser empoderadores ou restringentes é uma maneira de desafiar a visão de mundo dos estudantes.

Tais práticas, levam a dois outros princípios, a **conscientização** e o **empoderamento.** O primeiro como processo constante, no entendimento de Paulo Freire (1979), a conscientização não se baseia na separação entre a consciência e o mundo, mas sim na relação intrínseca entre eles. Ela reconhece a interconexão e interdependência entre a consciência e o ambiente circundante, destacando que a compreensão e a consciência se desenvolvem por meio dessa relação contínua e mútua. É um processo de questionamento e reflexão sobre as estruturas de poder, e não como um estado final a ser alcançado, com vistas a comunicações digitais mais inclusivas e equitativas, a partir do entendimento de como os emojis podem perpetuar ou subverter estruturas sociais.

Já o segundo, o **empoderamento**, para Freire e Shor (1986), é compreendido no âmbito social, não individual, uma vez que a liberdade individual só atinge seu potencial pleno quando é compartilhada para promover a libertação coletiva. Mesmo quando alguém se sente livre a nível pessoal, essa liberdade só se torna significativa quando é usada para capacitar e ajudar os outros a alcançarem a liberdade em uma transformação global da sociedade. Caso contrário, essa liberdade pode se tornar apenas uma expressão de individualismo, limitada em seu impacto e alcance.

Portanto, por meio da valorização das experiências e conhecimentos dos educandos, incentivando a participação ativa, o pensamento crítico e a tomada de decisões autônomas para que se percebam como agentes ativos em seu próprio processo de aprendizagem e de transformação social.

No escopo do nosso trabalho, o uso de emojis como ferramentas de expressão pessoal e cultural, não apenas como figurinhas disponibilizadas digitalmente e divertidas, é também compreender como são produzidos e quais sentidos revelam.

Entretanto, no pensamento de Paulo Freire, o sentido é obtido através da **contextualização,** da conexão do conhecimento à realidade dos educandos, envolve a criação de situações de aprendizagem significativas, que relacionem os conteúdos curriculares às experiências de vida dos envolvidos no processo educacional, tornando a aprendizagem mais relevante e engajadora. Ao relacionar os emojis com suas experiências de vida e culturais, os

discentes podem entender como esses símbolos são parte integrante de suas interações digitais diárias e quais os elementos históricos e conceituais que carregam.

Ao tomarmos como base o pensamento de Freire, chegaremos ao entendimento legado por ele no que concerne à **alfabetização como prática política**, isto é, que supere o simples domínio das habilidades de leitura e escrita para uma interpretação crítica do mundo (leitura de mundo). Ampliando o conceito para o letramento digital, convida os estudantes a interpretarem criticamente os emojis como símbolos carregados de significado. Assim como a leitura de mundo implica compreender as entrelinhas da sociedade, a leitura dos emojis envolve a decodificação de mensagens e sentimentos subjacentes.

Podemos verificar que os conceitos acima embasam e preconizam uma pedagogia fundamentada em uma prática docente intencional, portanto que reflete uma práxis, um modo de ser no mundo e com o Outro, corroborando, conforme conclui Franco (2016), a importância de incorporar uma multiplicidade de saberes educacionais, incluindo a tecnologia, nas práticas pedagógicas, a fim de trabalhar em prol de uma abordagem emancipatória da Educação.

2.3 EDUCAÇÃO E AFETIVIDADE

> *"É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido. É esta força misteriosa, às vezes chamada vocação, que explica a quase devoção com que a grande maioria do magistério nele permanece, apesar da imoralidade dos salários. E não apenas permanece, mas cumpre, como pode, seu dever. Amorosamente, acrescento."* (Paulo Freire)

Uma das hipóteses de nossa pesquisa, o uso de emojis em comunicações digitais entre docentes e discentes ocorre com a intenção de tornar as conversas mais afetivas, cuja confirmação trataremos na parte dedicada aos resultados, requer uma fundamentação teórica sobre afetividade. Ainda que reconheçamos que esta tem sido amplamente estudada, inclusive no campo educacional, parece-nos ser mais fácil elencarmos como se expressa do que conceituá-la, talvez por seu caráter complexo, em função de estar relacionada a outros aspectos da experiência humana, tais como cognição, motivação, emoções, sentimentos e comportamento.

Tal complexidade envolve algumas dimensões, tais como a subjetividade que nos constitui, pois, variando de pessoa para pessoa e de contexto para contexto, dificulta o estabelecimento de uma definição universalmente aceita – e que talvez não exista mesmo; a

contextualidade, que reside nas culturas, nos momentos históricos, nas expectativas sociais e em outras possíveis variáveis; e, ainda, a multidisciplinaridade, ou melhor, a interdisciplinaridade, que se refere à integração de várias teorias e campos do conhecimento humano.

Para compreendermos o conceito e suas implicações, apoiamo-nos em alguns teóricos que apontam relevantes entendimentos quanto à importância do afeto pra o ser humano. Quanto ao papel da afetividade no desenvolvimento infantil, Henri Wallon, psicólogo francês, ressaltou a importância das emoções como mediadoras do desenvolvimento cognitivo e social das crianças.

De acordo com o psicólogo, a afetividade desempenha um papel central no desenvolvimento humano, sendo uma das três dimensões fundamentais da personalidade, ao lado da motricidade e da cognição. A afetividade é inerente à condição humana e influencia nossa relação com o mundo e com os outros.

> As influências afectivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma acção determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém em potência e, por seu intermédio, às reacções íntimas e fundamentais. Assim se mistura o social com o orgânico (Wallon, 1968, p. 149-150).

Por meio das emoções e afetos, construímos nossa identidade e expressamos nossos desejos, necessidades e intenções. As características da afetividade, conforme descritas por Wallon, incluem a ligação emocional, que envolve a capacidade de estabelecer vínculos emocionais com pessoas próximas, a expressão e comunicação emocional, a regulação emocional e a interação social.

A afetividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento emocional, social e na construção de relacionamentos significativos baseados em confiança, empatia e respeito. Para Wallon (2008, p. 224), a afetividade complementa a motricidade e a cognição, sendo indispensável na formação da personalidade e na adaptação ao ambiente social.

Por sua vez, para o psicólogo russo Lev Vygotsky, é inseparável a interconexão entre afetividade e interação social e este enfatizou a importância das interações sociais na aprendizagem e afirmou que as emoções influenciam a aprendizagem, uma vez que “Toda emoção é um chamado à ação ou à rejeição da ação” (Vygotsky, 2003, p. 119).

A afetividade e as interações emocionais e interpessoais influenciam o desenvolvimento cognitivo. No processo de aprendizagem, o diálogo e a colaboração entre discentes e docentes,

bem como entre os pares, promovem uma construção conjunta de significados e a internalização de conhecimento.

> Antes de comunicar algum conhecimento, o professor tem de provocar a correspondente emoção do aluno e se preocupar para que essa emoção esteja ligada ao novo conhecimento. Este só pode se solidificar se tiver passado pelo sentimento do aluno. O restante é conhecimento morto, que mata qualquer atitude viva com relação ao mundo (Vygotsky, 2003, p. 121).

Cada aprendizagem está intimamente ligada às dimensões cognitivas, sociais e emocionais dos indivíduos e as emoções desempenham um papel crucial na forma como os indivíduos lidam com os desafios cognitivos.

Sob o ponto de vista da docência, Paulo Freire (2011), patrono da educação brasileira, no capítulo final do livro *Pedagogia da autonomia*, intitulado *Ensinar é uma especificidade humana*, dentre outras exigências para ensinar, no último item, *3.9 – Ensinar exige querer bem aos educandos*, destaca a essencialidade docente de não ser dominado apenas por um conhecimento formal, mas também por um "outro saber", referindo-se à sensibilidade e à abertura emocional necessárias para desenvolver um relacionamento positivo com os educandos e com a prática de ensinar.

Para ele, é *"preciso descartar como falsa a separação radical entre seriedade docente e afetividade".* Em outras palavras, a afetividade é uma exigência basilar, é uma conexão emocional e um compromisso genuíno com os alunos e com o fazer docente, refletindo a complexidade e a profundidade da relação entre educador e educando.

Nascemos e é em sociedade que sobrevivemos, conforme o pensamento do neurobiólogo chileno Humberto Maturana, segundo o qual, em Maturana (1998), as emoções são padrões de perturbação, que surgem no organismo em resposta a eventos específicos, que são considerados relevantes para a sua sobrevivência e bem-estar, influenciados tanto por fatores biológicos (alterações fisiológicas, como mudanças na frequência cardíaca, na respiração e nas reações hormonais), quanto sociais (influenciadas pelas nossas experiências individuais e coletivas e pela cultura em que vivemos).

O autor conceitua amor como uma emoção fundante do social, pois é uma expressão essencial do nosso ser biológico e que nos conecta uns aos outros, como seres humanos. Caracteriza-se por uma preocupação mútua, aceitação incondicional e desejo de contribuir para o bem-estar do outro. É um estado de consciência que nos leva a agir eticamente e a cultivar relações de confiança, respeito e cooperação.

> O amor é o fundamento do social, mas nem toda convivência é social. O amor é a emoção que constitui o domínio de condutas em que se dá a operacionalidade da aceitação do outro como legítimo outro na convivência, e é esse modo de convivência que conotamos quando falamos do social. Por isso, digo que o amor é a emoção que funda o social. Sem a aceitação do outro na convivência, não há fenômeno social (Maturana, 1998, p. 24).

Fundamental à manutenção das sociedades humanas, o amor é considerado um tipo particular de afeto, uma manifestação específica e objetiva das emoções humanas, que surge na interação social, uma escolha consciente de se relacionar com o outro, baseada na afetividade positiva.

O afeto, por sua vez, é uma experiência subjetiva de sentir emoções em relação a algo ou alguém, portanto inseparável das nossas interações sociais, e inclui ampla gama de emoções (alegria, tristeza, raiva, medo, entre outros). Está presente em todas as nossas relações emocionais, sejam elas positivas ou negativas, e é a experiência subjetiva das emoções, portanto o amor e o afeto estão intrinsecamente interligados.

A partir das perspectivas dos autores acima, que enriquecem nossa compreensão sobre a interconexão complexa entre afetividade, desenvolvimento cognitivo e socioemocional, aprendizagem e educação, entendemos que a práxis docente imprescinde da afetividade, que exterioriza nossas emoções e influencia a maneira como os sujeitos se relacionam com eles mesmos, com os outros e com o conhecimento.

Os desejáveis vínculos formados entre docentes, tendo em pauta o entendimento daquela amorosidade freiriana, portanto também alicerçada em arcabouço profissional e científico, podem ser pensados, planejados e propostos meios para uma educação para a vida, conforme abordado por Rafael Alzina (2003), em seu artigo *Educación emocional y competencias básicas para la vida,* ao discutir o conceito de educação emocional e sua importância a partir da vida escolar. O autor argumenta que a educação emocional deve ser considerada uma parte essencial do currículo e enfatiza sua importância no desenvolvimento de habilidades básicas para a vida, como autoconsciência, autorregulação, motivação, empatia e habilidades sociais, redundando em benefícios, tais como melhor desempenho acadêmico, melhores relações sociais e maior bem-estar.

Em 1997, os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) sinalizavam tal importância, denominando tais aprendizados de atitudinais e indicavam em seu texto aos docentes:

> Para a aprendizagem de atitudes é necessária uma prática constante, coerente e sistemática, em que valores e atitudes almejados sejam expressos no relacionamento entre as pessoas e na escolha dos assuntos a serem tratados. Além das questões de ordem emocional, tem relevância no aprendizado dos conteúdos atitudinais o fato de cada aluno pertencer a um grupo social, com seus próprios valores e atitudes. Embora

> esteja sempre presente nos conteúdos específicos que são ensinados, os conteúdos atitudinais não têm sido formalmente reconhecidos como tal. A análise dos conteúdos, à luz dessa dimensão, exige uma tomada de decisão consciente e eticamente comprometida, interferindo diretamente no esclarecimento do papel da escola na formação do cidadão (Brasil, 1997, p. 53).

Em 2018, a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) ampliou a abordagem em relação aos conteúdos curriculares ao contemplar, além dos aspectos cognitivos, a formação integral dos estudantes, a partir do desenvolvimento também de habilidades socioemocionais, tais como empatia, respeito, responsabilidade, colaboração e ética; competências essas entendidas na BNCC como fundamentais para a formação de cidadãos críticos, autônomos e capazes de atuar de maneira consciente e ética na sociedade.

Ao finalizarmos este capítulo, reunimos as dez competências gerais da educação básica, conforme estabelecidas pela BNCC, em um conjunto de princípios que abrangem diversos aspectos da formação integral dos indivíduos que vão além do conhecimento acadêmico. Organizamos essas competências em três categorias que englobam não apenas a cognição, mas também aspectos holísticos do complexo desenvolvimento humano, considerando aspectos biopsicossociais:

Tabela 3: Quadro de categorias para formação holística do indivíduo

CATEGORIAS	COMPETÊNCIAS
Conhecimento e Compreensão do Mundo:	1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. 2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas. 5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
Competências Sociais e Éticas:	3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural. 4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. 6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e

	fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
	7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
	9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
Autonomia e Desenvolvimento Pessoal:	8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
	10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos perceber, há, no documento, uma preocupação teórica com o desenvolvimento integral do estudante, ao longo de toda a educação básica. Para ele adquirir conhecimento e melhor compreensão do mundo que o cerca, não basta o simples acesso à informação; é preciso que sejam fornecidos suportes para o aprimoramento de suas competências sociais e éticas, que, por sua vez, contribuam para seu desenvolvimento pessoal.

E a afetividade aparece, neste complexo processo, como um elemento transversal, que perpassa continuamente todo o movimento de construção desse sujeito.

2.4 EDUCAÇÃO E TECNOLOGIAS DIGITAIS

Neste subcapítulo, destacaremos aspectos normativos e diretrizes relacionados ao uso de tecnologias digitais na Educação, importantes como políticas públicas para o estabelecimento de metas, estratégias e princípios que abrangem a formação de professores, a inclusão e o letramento digitais, com vistas à cidadania digital à melhoria da qualidade do ensino, por meio do acesso a recursos educacionais digitais.

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas, em 10 de dezembro de 1948, é um documento histórico composto por trinta artigos, que garantem um conjunto de direitos fundamentais e universais a todos os seres

humanos, independentemente de sua nacionalidade, raça, religião, gênero, origem social e outras características.

Além disso, em junho de 2016, através da Resolução A/HRC/C/L.20, a Organização das Nações Unidas (ONU) "Decide continuar considerando a promoção, proteção e gozo dos direitos humanos, incluindo o direito à liberdade de expressão, na Internet e outras tecnologias de informação e comunicação…", ao entender que "…a disseminação da tecnologia da informação e comunicação e a interconectividade têm grande potencial para acelerar o progresso humano, para superar a exclusão digital e desenvolver sociedades do conhecimento", conforme o artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: **"**Todo ser humano tem direito à liberdade de opinião e expressão; esse direito inclui a liberdade de, sem interferência, ter opiniões e de procurar, receber e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras."

Ao que gostaríamos de somar o artigo 27, que garante o direito de todo ser humano de participar livremente da vida cultural da comunidade, fruir as artes e participar do progresso científico e de seus benefícios.

A Constituição Federal de 1988 é a base fundamental da legislação brasileira e, nos artigos 6º e 205, estabelece a Educação como direito social de todos (Brasil, 1988). Embora não faça menção específica às tecnologias digitais no cenário contemporâneo, estas são um imperativo à cidadania plena, pois, ainda em consonância ao Conselho de Direitos Humanos (ONU, 2016), "… podem ser uma ferramenta importante para promover a participação cidadã e da sociedade civil, para a realização de desenvolvimento em cada comunidade e para o exercício dos direitos humanos".

Os artigos 170 e 193 da Constituição Federal de 1988, que abordam a ordem econômica e social, têm como objetivo a existência digna, incluindo o princípio da redução das desigualdades regionais e sociais e objetivando o bem-estar e a justiça sociais. Podemos perceber que as TDICs constituem meios para concretizar esses propósitos, ao promoverem a inclusão, o letramento digital e a melhoria da qualidade do ensino, possibilitando a construção de uma sociedade mais igualitária e justa, na qual o acesso ao conhecimento e às oportunidades seja ampliado para todos, independentemente de sua origem ou condição social.

A aprovação do Plano Nacional de Educação (PNE), por meio da Lei nº 13.005/2014, estabeleceu metas e estratégias para o setor educacional, incluindo a promoção da inclusão digital, a utilização pedagógica das tecnologias e a formação de professores para o uso adequado das ferramentas digitais em sala de aula. E, em seu artigo 23, determina

responsabilidade conjunta da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios em proporcionar acesso à cultura, à educação, à ciência, à tecnologia, à pesquisa e à inovação.

Nas metas estabelecidas no PNE, destacamos a Meta 7, que tem como objetivo a melhoria da qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com foco no fluxo escolar e na aprendizagem, por meio de estratégias com o uso de tecnologias digitais. Dentre as quais, destacaremos aquelas de número 7.12, 7.15 e 7.20.

A estratégia 7.12 visa incentivar o desenvolvimento, seleção, certificação e divulgação de tecnologias educacionais para a educação infantil, o ensino fundamental e o ensino médio, garantindo a diversidade de métodos e de propostas pedagógicas, preferencialmente com o uso de softwares livres e recursos educacionais abertos.

A estratégia 7.15 objetiva a universalização, até o quinto ano de vigência do PNE, do acesso à internet de alta velocidade por meio da rede mundial de computadores e, ainda, triplicar, até o final da década, a relação entre o número de computadores e de discentes, nas escolas públicas de educação básica, para o uso pedagógico das TDICs.

Por fim, a estratégia 7.20 diz respeito ao fornecimento de equipamentos e de recursos tecnológicos digitais para uso pedagógico da educação básica, incluindo a criação de mecanismos e condições para a universalização de bibliotecas, com acesso às redes digitais de computadores, incluindo a internet, nas instituições e escolas públicas.

A Lei nº 14.180, de 1º de julho de 2021, institui a Política de Inovação Educação Conectada e define seus objetivos no art. 2º:

> Art. 2º A Política de Inovação Educação Conectada visa a conjugar esforços entre órgãos e entidades da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios, escolas, setor empresarial e sociedade civil para assegurar as condições necessárias à inserção da tecnologia como ferramenta pedagógica de uso cotidiano nas escolas públicas de educação básica.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) é um marco legal que estabelece as bases da educação brasileira. No que tange às tecnologias digitais na Educação, os artigos pertinentes da LDB podem abordar a promoção do uso pedagógico das tecnologias como instrumentos de apoio ao ensino, bem como a inclusão da educação digital no currículo escolar:

> Art. 4º O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:
> XII - educação digital, com a garantia de conectividade de todas as instituições públicas de educação básica e superior à internet em alta velocidade, adequada para o uso pedagógico, com o desenvolvimento de competências voltadas ao letramento digital de jovens e adultos, criação de conteúdos digitais, comunicação e colaboração, segurança e resolução de problemas (Incluído pela Lei nº 14.533, de 2023).

> Parágrafo único. Para efeitos do disposto no inciso XII do c**aput** deste artigo, as relações entre o ensino e a aprendizagem digital deverão prever técnicas, ferramentas e recursos digitais que fortaleçam os papéis de docência e aprendizagem do professor e do aluno e que criem espaços coletivos de mútuo desenvolvimento (Incluído pela Lei nº 14.533, de 2023).

Recentemente foi decretada e sancionada a Lei nº 14.533, de 2023, que estabelece a Política Nacional de Educação Digital, cujo objetivo declarado é melhorar o acesso e o uso de recursos, ferramentas e práticas digitais para todos os brasileiros, com foco especial em grupos vulneráveis.

Em seu artigo 3º, aborda o eixo da Educação Escolar Digital e preconiza a promoção da integração das tecnologias digitais em todos os níveis de ensino, desde o básico até o superior, nas escolas públicas e privadas. Também enfatiza a importância da formação dos professores em tecnologias digitais e a necessidade de garantir o acesso aos recursos e às infraestruturas digitais nas escolas. Além disso, ressalta a importância de promover a cidadania digital e as habilidades de pensamento crítico entre os estudantes.

E, no parágrafo 1º do referido artigo, estabelece algumas estratégias prioritárias para o referido eixo, em conformidade com as diretrizes curriculares nacionais e outras diretrizes específicas. Essas estratégias são: promover o uso de tecnologias digitais no processo educacional, assegurar o acesso aos recursos e às infraestruturas digitais nas escolas, capacitar os professores no uso dessas tecnologias, incentivar a cidadania digital e o pensamento crítico entre os estudantes, priorizar o uso de recursos educacionais abertos e o desenvolvimento de conteúdo educacional digital, e estimular o uso das tecnologias digitais para promover a inclusão e reduzir as desigualdades educacionais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por sua vez, é um documento que estabelece as competências e habilidades essenciais que todos os estudantes brasileiros devem desenvolver durante a Educação Básica, em conexão com a realidade dos alunos, atribuindo significância às aprendizagens e preparando-os para o uso consciente e efetivo dessas tecnologias, como ferramentas indispensáveis para o desenvolvimento das competências previstas, abrangendo o uso crítico e responsável das mesmas, tanto de forma geral, quanto voltada para áreas específicas do conhecimento. Isso pode ser constatado, por exemplo, na competência geral 5:

> Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva (BNCC, 2018).

A BNCC também enfatiza que a inclusão das tecnologias digitais vai além de ser utilizada apenas como meio ou suporte ao ensino, propondo que essas ferramentas sejam utilizadas pelos próprios alunos, permitindo que eles construam conhecimentos relacionados ao seu uso. Essa abordagem visa preparar os estudantes para serem cidadãos críticos e autônomos, capazes de compreender e utilizar as tecnologias digitais de maneira consciente e eficaz em suas vidas diárias e em sua jornada educacional.

Desta forma, ocorreram mudanças curriculares com vistas a incluírem o mundo digital ao contexto educacional, como pode ser constatado na página digital da BNCC (2018), na qual há uma indicação para um exemplo de Currículo de Referência em Tecnologia e Computação, elaborado e publicizado pelo Centro de Inovação para a Educação Brasileira (Cieb).

O currículo indicado, é baseado em três eixos, a saber - Cultura Digital, Pensamento Computacional e Tecnologia Digital -, pensados para a Educação Básica e para a Educação Profissional Técnica, com suas especificidades.

O eixo mais diretamente ligado ao nosso trabalho, em que pese a importância dos demais, é o Eixo Cultura Digital, que "Remete às relações humanas fortemente mediadas por tecnologias e comunicações por meio digital, aproximando-se de outros conceitos como sociedade da informação, cibercultura e revolução digital (…)" (CIEB, 2018) e é composto por três conceitos: **Letramento Digital**, que se refere ao desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes concernentes ao uso dos recursos digitais, assim como às práticas socioculturais e os sentidos produzidos na sociedade por meio do uso de tecnologia; **Cidadania Digital**, que diz respeito ao uso consciente e responsável da tecnologia; **Tecnologia e Sociedade**, que aborda os desafios provocados pelos avanços das TDICs, que modificam as formas não apenas de nos comunicarmos, mas também nosso modo de vida.

Em relação ao Ensino Médio, aborda os mesmos temas apontados na Educação Infantil e Ensino Fundamental (sociedade da informação, *cybercultura*, revolução digital), sendo acrescentada a expressão "era digital". Cada unidade curricular indica uma competência, que serve de indicativo do que precisa ser trabalhado pelos docentes, e se divide em seis unidades essenciais e quatro eletivas.

Por toda a explanação feita até aqui, entendemos que desenvolver competências digitais é um direito de todos e constitui-se como um dever legal, normativo e ético de uma educação comprometida com o ser humano, sócio-histórico, complexo, do mundo e de si mesmo, autor e ator, conforme Ciampa (1987), quando afirma que "Somos personagens de uma história que nós mesmos criamos, fazendo-nos autores e personagens ao mesmo tempo*"*.

Entretanto, numa concepção crítica, concordamos com Cazeloto (2007) ao declarar que:

> A ideia dominante de inclusão digital como forma de realização da justiça social, por exemplo, é uma justaposição mecânica que, seduzida por um discurso igualitário, desconsidera os fatores contextuais nos quais se dá essa "inclusão". Nos discursos e práticas de inclusão digital, o acesso às máquinas informáticas é tomado como sinônimo de ascensão social ou de participação sociopolítica efetiva, quando, na verdade, a informatização generalizada do cotidiano (notadamente para as camadas de baixa renda, alvo principal dos programas sociais de inclusão digital) não faz senão o contrário: reforça as estruturas de subordinação e poder da cibercultura e capilariza as redes de produção internacionais até o espaço da vida privada.

Ou seja, ainda que se constitua como um direito humano ter acesso e competências para usar as tecnologias computacionais e digitais, também configura-se como um direito a compreensão sobre usos políticos do conceito de inclusão digital, sobre as produções dessas tecnologias e demais elementos envolvidos, especialmente porque, conforme afirmamos algumas vezes, as tecnologias digitais estão mais presente em nossas vidas, transformando a forma como nos relacionamos, comunicamos e aprendemos. Nesse contexto, é fundamental refletir sobre como essas ferramentas podem ser aproveitadas de maneira consciente e crítica no campo educacional.

De acordo com o entendimento de Freire (2015), quando discorre sobre as dimensões *suporte* e *mundo*, contrapondo-as, SUPORTE seria "um mundo inapelavelmente imóvel (...) plano, horizontal, sem tempo (…) compatível com a vida animal (…) que se adapta ao suporte" e MUNDO seria "(…) o ser humano, integrando-se a seu contexto, por nele intervir, o transforma em mundo" e, por extensão, complementamos, é multidimensional, multiposicional, contextual e temporal, portanto histórico.

Talvez esse transformar o mundo, no que tange às TDICs, seja uma das causas subjacentes de nosso temor moderno quanto à IA (inteligência artificial) - que, para ser inteligência, deveria ter características como compreensão, entendimento, flexibilidade, mas que aprende, o chamado aprendizado de máquina - e aos algoritmos, invisíveis consignas e vorazes captores de desejos humanos (a serviço de alguns?), conforme afirma O'Neil (2020):

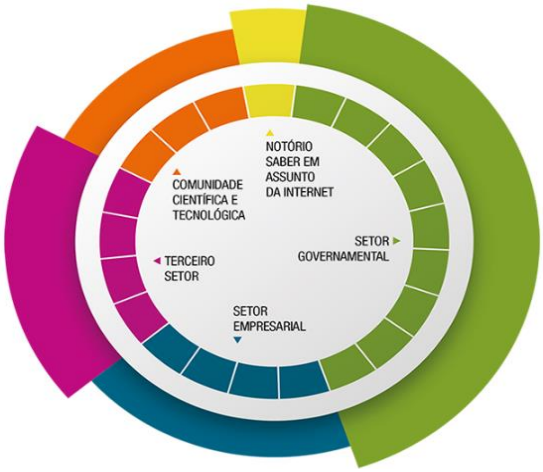
> Mas com a Internet, pessoas de todo o mundo têm produzido quadrilhões de palavras sobre nossas vidas e trabalhos, amizades e forma como compramos. Ao fazê-lo, construímos de modo involuntário a mais vasta coletânea de treinamento para máquinas de linguagem natural. Conforme trocamos papel por e-mail e redes sociais, as máquinas podiam estudar nossas palavras, compará-las com outras, e deduzir algo sobre seu contexto. O progresso tem sido rápido e dramático.

O que auxilia a compreensão do termo, em inglês americano, "data bias" - em livre tradução, seria "viés de dados" -, uma questão relacionada à influência de preconceitos e desigualdades existentes na sociedade, que podem ser refletidos e ampliados nos conjuntos de dados usados em tecnologias, como algoritmos.

Em síntese, não existe "autogênese tecnológica", espontânea. Sempre somos nós, humanos, os criadores à imagem e semelhança de uns poucos, que produzimos as tecnologias e reproduzimos, então, possíveis preconceitos, desigualdades e concentração de poder existentes em nossa sociedade.

A título de ilustração, analisemos a composição do CGI.br, figura criada através do Decreto nº 4.829, de 3 de setembro de 2003, da Presidência da República, que "Dispõe sobre a criação do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGIbr, sobre o modelo de governança da Internet no Brasil, e dá outras providências" (Brasil, 2003). Este comitê tem a função de estabelecer diretrizes estratégicas relacionadas tanto ao uso e desenvolvimento da Internet no Brasil, quanto para o registro de Nomes de Domínio, alocação de Endereço IP e administração relativos ao Domínio de Primeiro Nível:

Gráfico 2 – Composição do CGI.br



Fonte: CGI.br/NIC.br

O comitê possui representantes de vários setores da sociedade (três da comunidade científica e tecnológica, nove do setor governamental, quatro do setor empresarial, quatro do terceiro setor e um de notório saber em assuntos tecnológicos, além de um secretário executivo) sendo composto, portanto, por 22 integrantes, sendo atualmente 17 homens e 5 mulheres, mais 19 suplentes, dos quais 4 são mulheres. Todos brancos. O objetivo aqui não é gerar racismo reverso, mas constatar as bases estruturantes das instâncias que têm poder decisório. Ainda que sejam pessoas conscientes e bem-intencionadas quanto a mudanças políticas e transformação social, configura-se, tal composição, em um exemplo de como nossa sociedade ainda funciona.

No aspecto social, as tecnologias digitais têm o potencial de ampliar o acesso à educação, rompendo barreiras geográficas e temporais. Por meio delas, é possível democratizar

não apenas o conhecimento, mas a produção e publicização do mesmo, além de facilitar as interações entre estudantes e educadores, incluindo aqueles de diferentes partes do mundo, promovendo a colaboração e o intercâmbio de experiências.

No entanto, é importante considerar que o acesso às tecnologias digitais de modo equitativo, quantitativo e qualitativo ainda é um desafio, especialmente em áreas mais vulneráveis socialmente. A exclusão digital pode aprofundar as desigualdades educacionais, reforçando as divisões sociais existentes. Portanto, é fundamental que políticas públicas sejam implementadas para garantir a inclusão digital e o acesso igualitário às tecnologias, assegurando que todos os estudantes tenham a oportunidade de se beneficiar dessas ferramentas. E políticas públicas podem ser mobilizadas pela participação popular.

No âmbito político, as tecnologias digitais têm sido utilizadas como ferramentas de mobilização e engajamento cívico e, portanto, como exercício da participação política e o debate de questões sociais relevantes. As redes sociais e plataformas online têm sido utilizadas como espaços de organização de movimentos estudantis e de manifestação de ideias, possibilitando a construção coletiva de conhecimentos e a busca por transformações sociais.

Porém, é necessário destacar que as tecnologias digitais também podem ser usadas como instrumentos de controle, vigilância, imposição ideológica hegemônica (um moderno e, ao mesmo tempo velho, modelo de colonização), abusos de várias ordens, inclusive econômicos. Por isso, é essencial que leis sejam criadas e sempre atualizadas e que seja promovida não apenas uma alfabetização digital, mas um letramento digital, considerando aquela como habilidades e competências necessárias para usar as tecnologias digitais de forma eficaz, enquanto este envolve a capacidade de analisar e avaliar informações de forma crítica, questionar suposições e desafiar estruturas de poder.

No que se refere à produção de conhecimentos e ferramentas tecnológicas, é importante considerar o contexto em que essas produções ocorrem. A indústria e a pesquisa tecnológica são influenciadas por interesses políticos e econômicos, o que pode gerar ainda mais desigualdades e exclusões. Portanto, é necessário promover uma reflexão crítica sobre os impactos sociais e éticos das tecnologias digitais, questionando seus valores e os modelos de desenvolvimento adotados.

2.4.1 Comunicação não verbal

A comunicação pode ser entendida como um processo complexo, no qual ideias, pensamentos e sentimentos são compartilhados e desempenha um papel fundamental na

interação humana, portanto na construção e na transformação das sociedades. Por esta razão, podemos compreender a relevância de estudos sobre o tema, potencializada pelo desdobramento das interações em tempos digitais e consequências para as interrelações humanas.

Quais as implicações da comunicação digital? Sabemos que existem modalidades diversas de comunicação humana, oral, escrita, visual, não verbal, bem como diversos meios para que ocorra.

No artigo *Pós-Modernidade e Comunicação: Dos Meios de Massa aos Meios Digitais*, Patricio Dugnani (2020) faz análises sobre a mudança da hegemonia dos meios de comunicação de massa para o uso crescente dos meios de comunicação digital e as mudanças que o uso dessas mídias pode promover na sociedade.

Mídia é uma palavra em português derivada do termo latino *medium, cujo s*ignificado é "meio" ou "intermediário", isto é, meios ou canais pelos quais mensagens são transmitidas, compartilhadas e publicizadas. Mídias de massa e mídias de comunicação digital são duas formas fundamentais de comunicação na sociedade contemporânea.

Na pesquisa, Dugnani caracteriza mídia de massa como mídia de comunicação tradicional (televisão, rádio e jornais), um controle centralizado das informações e um fluxo de comunicação unidirecional do remetente para o receptor. Por seu turno, as mídias digitais (mídias sociais, blogs, podcasts, plataformas on-line etc.) são caracterizadas por um controle descentralizado das informações e um fluxo de comunicação bidirecional entre o remetente e o receptor, que possibilitam aos usuários criarem e compartilharem conteúdos, alertando para uma tendência de desprezo à recepção em prol da valorização da emissão e, por consequência, “a violência e a intransigência se tornam as tônicas dos debates na internet. Não importa a recepção, apenas a emissão torna o sujeito mais visível...” (Dugnani, 2020).

Considerando que nossas criações partem de uma materialidade corporal, podemos verificar a presença dessa encarnação, uma linguagem corporal em nossas produções imateriais que refletem a nossa existência corpórea e estão impregnadas de elementos expressivos e informativos. Então, a exemplo das interações comunicativas presenciais – ou ainda por simulações da presença, gravações em vídeo ou videochamadas, em que os gestos, as expressões faciais e os movimentos do corpo desempenham um papel importante na comunicação –, a comunicação por meios digitais também contém, além de palavras, elementos expressivos e informativos, que são do campo da comunicação não verbal.

A linguagem verbal é aquela expressa por meio de palavras, faladas ou escritas, e a comunicação não verbal pode ocorrer por meio da linguagem corporal, imagens, sons,

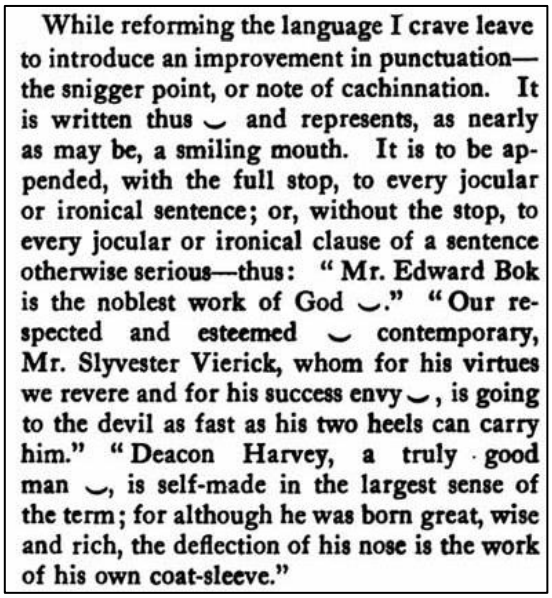
desenhos, pinturas e outros meios, que também são meios de transmissão de informações e intenções. Em relação à linguagem corporal, a comunicação ocorre de diversas formas, seja por movimentos e posturas do corpo (como gestos, movimentos das mãos, braços e pernas); seja por expressões faciais (como sorrisos, franzir a testa, levantar as sobrancelhas) ou, ainda, por informações e sinais emocionais e fisiológicos, que podem revelar emoções e estados de espírito (como rubor, lividez, suor etc.).

Escrever é um ato comunicativo que desafia as limitações da distância, porém, com a evolução das tecnologias digitais, a escrita expandiu-se para além dos meios tradicionais, permitindo uma comunicação mais rápida e eficiente, a CMC (comunicação mediada por computador). Nesse contexto, surgiram elementos gráficos, que agregam sentimentos e intenções às mensagens escritas: os emoticons, os emojis e as figurinhas, elementos pictóricos, portanto uma forma de comunicação não verbal.

A comunicação digital contemporânea é fortemente influenciada pelo uso de emojis. Mas, antes destes existirem, surgiram os emoticons. Embora haja semelhanças em suas funções, de expressar emoções e intenções, eles têm origens distintas e características únicas. Este capítulo explora a surgimento, as características e os objetivos de emoticons e emojis.

2.4.1.1 Emoticons

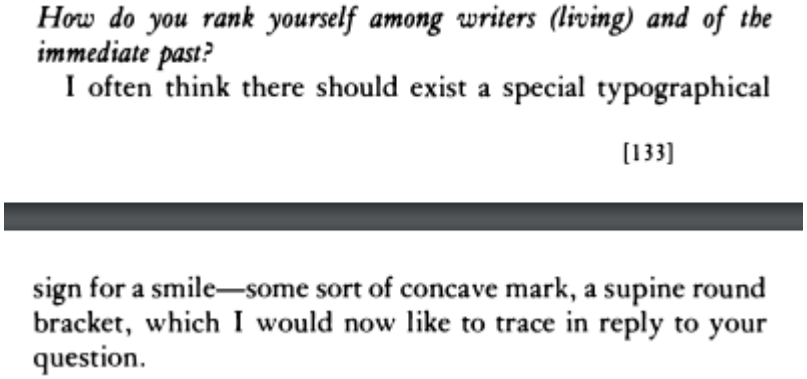
O linguista Benjamin Zimmer escreveu um artigo intitulado *The Prehistory of Emoticons*, no qual conta que Ambrose Bierce (escritor satirista americano), em um ensaio de 1887, *Para Brevidade e Clareza* (em tradução livre do original “For Brevity and Clarity"), fazia menção à ideia de uso de símbolos gráficos que poderiam acrescentar intenções humorísticas na representação de estados de humor humanos à literatura. Bierce sugeriu o “ponto de risada”, um sinal de pontuação semelhante a uma boca sorridente, para indicar frases jocosas ou irônicas, conforme verificamos na reprodução do texto original:



While reforming the language I crave leave to introduce an improvement in punctuation—the snigger point, or note of cachinnation. It is written thus ‿ and represents, as nearly as may be, a smiling mouth. It is to be appended, with the full stop, to every jocular or ironical sentence; or, without the stop, to every jocular or ironical clause of a sentence otherwise serious—thus: "Mr. Edward Bok is the noblest work of God ‿." "Our respected and esteemed ‿ contemporary, Mr. Slyvester Vierick, whom for his virtues we revere and for his success envy ‿, is going to the devil as fast as his two heels can carry him." "Deacon Harvey, a truly good man ‿, is self-made in the largest sense of the term; for although he was born great, wise and rich, the deflection of his nose is the work of his own coat-sleeve."

Fonte: Zimmer (2007).

Vladimir Nabokov (1990, p. 133-134) transcreveu uma entrevista concedida ao jornalista Alden Whitman do New York Times, em abril de 1969, na qual encontramos o seguinte diálogo:



How do you rank yourself among writers (living) and of the immediate past?

I often think there should exist a special typographical

[133]

sign for a smile—some sort of concave mark, a supine round bracket, which I would now like to trace in reply to your question.

Sua tradução (livre) seria: "*Como você se classifica entre os escritores (vivos) e do passado imediato?* Costumo pensar que deveria existir um sinal tipográfico especial para um sorriso – algum tipo de marca côncava, um parêntese redondo voltado para cima, que eu gostaria de escrever em resposta à sua pergunta".

As ideias de Bierce e de Nabokov tornar-se-iam realidade, em setembro de 1982, quando Scott Fahlman, professor emérito da Escola de Ciência da Computação da Carnegie Mellon, Pitsburgo/Pensilvânia, participava de uma conversa na intranet da universidade sobre o elevador com defeito. Alguém fez um comentário jocoso e outro usuário retrucou irritado, pois achou que outros leitores da mensagem poderiam acreditar no conteúdo da piada.

Então, Fahlman propôs a combinação de caracteres :-) para indicar uma mensagem humorística e :-(para expressar uma mensagem triste, conforme conta em sua página da internet, de onde retiramos um pequeno trecho (em tradução livre):

> ...em nossa comunidade de nerds da ciência, o humor sarcástico era muito comum. […] alguém não entenderia a piada e ficaria ofendido. […] Ocorreu-me que a maneira mais intuitiva de sinalizar "estou só brincando" seria criar algum tipo de rosto sorridente, como aqueles que costumávamos ver em camisetas e balões na época de 1960. Mas como poderíamos fazer isso em uma única linha de caracteres? Olhei para cada caractere no teclado, esperando por alguma inspiração. O elemento mais importante de um rosto são os olhos." Aha! – talvez pudéssemos fazer uma cara sorridente de lado que as pessoas reconheceriam […] Levei talvez dez minutos para ter essa ideia e postar a mensagem (Fahlman, 2021).

```
19-Sep-82 11:44    Scott E  Fahlman             :-)
From: Scott E  Fahlman <Fahlman at Cmu-20c>

I propose that the following character sequence for joke markers:

:-)

Read it sideways.  Actually, it is probably more economical to mark
things that are NOT jokes, given current trends.  For this, use

:-(
```

19-Set-82 11:44 Scott E Fahlman :-)
De: Scott E Fahlman
Proponho a seguinte sequência de caracteres para marcadores de piada:
:-)
Leia para o lado. Na verdade, provavelmente é mais econômico marcar coisas que NÃO são piadas, dadas as tendências atuais. Para isso, utilize:
:-(

Entre o desejo e a concretização de acrescentar representações pictográficas de expressões corporais e emocionais humanas a textos escritos, ao menos 105 anos decorreram, porém levamos muito menos tempo para alterarmos nossas percepções neuronais, conforme pesquisa de Churches *et al* (2014), cujos resultados indicaram que, ao serem visualizados na vertical, "os emoticons são processados em locais occipitotemporais, de forma semelhante aos rostos, devido à sua configuração familiar", porém quando o *smiley é "*...girado 90 graus no sentido anti-horário a partir da orientação canônica de uma face natural levanta uma questão interessante. Esta rotação perturba a configuração canônica das características faciais. Isto sugere que o processamento configuracional de emoticons em sua orientação canônica é

baseado em uma associação aprendida", ou seja, aprendemos a ver faces sorridentes na configuração :-).

Outra pesquisa com imagem por ressonância magnética funcional indicou que emoticons isolados não ativam as mesmas regiões cerebrais envolvidas no processamento de rostos humanos, porém ativam as mesmas áreas envolvidas na discriminação emocional (o giro frontal inferior direito).

Conforme os autores Alduane *et al* (2017), emoticons estão associados ao processamento de informações não-verbais e as áreas do cérebro envolvidas no processamento de informações verbais e não verbais são mais ativas quando frases são seguidas por emoticons, constatando que discriminação emocional baseada na percepção do emoticon é semelhante a outras dicas não verbais, como expressões faciais ou prosódia de fala, portanto o uso de emoticons é importante no CMC porque permite maior expressividade emocional.

2.4.1.2 Emojis

> Temos o prazer de anunciar a adição do conjunto original de 176 emojis da NTT DOCOMO à coleção do MoMA. Desenvolvidos sob a supervisão de Shigetaka Kurita e lançados para celulares em 1999, essas humildes obras-primas de design de 12 x 12 pixels plantaram as sementes para o crescimento explosivo de uma nova linguagem visual. (Galloway, 2016)

Assim, Paul Galloway, especialista em Coleções de Arquitetura e Design do MoMA (Museu de Arte Moderna de Nova York), anunciou a aquisição da coleção digital de emojis criada por Shigetaka Kurita, designer japonês, configurando-a como arte moderna e conceituando-a como "...manifestações poderosas da capacidade do design de alterar o comportamento humano".

Conforme o UNICODE (2022), EMOJI é uma palavra de origem japonesa, formada por 絵(e ≅ imagem)文字(moji ≅ caractere escrito) e, desde 1999, chegaram a mais de 3.600 pictogramas. Um dia no calendário mundial, 17 de julho, o Dia Mundial do Emoji (escolhido em função do lançamento do calendário iCal, pela Apple, em 2000), um filme foi dedicado a eles e há uma quantidade incontável de produtos, em variadas categorias.

Enquanto o emoticon consiste em uma combinação de caracteres (letras, números e símbolos de pontuação) utilizada para expressar um sentimento, o emoji é um pictograma, ou seja, não é inserido por um texto, mas sim por um caracter especial, apresentando a capacidade de expressar, além de sentimentos, objetos, cores e animais, entre muitas outras opções.

Até a criação do Unicode, para escrevermos em equipamentos computacionais, cada sistema operacional ou aplicativo usava um conjunto de caracteres próprio, o que muitas vezes levava à exibição incorreta ou incompreensível de textos em diferentes plataformas.

Com a crescente globalização e a proliferação da comunicação digital, tornou-se evidente que era necessário um padrão único, que garantisse a consistência na exibição e interpretação de caracteres em todas (ou quase todas) as línguas e culturas. Essa necessidade era especialmente relevante no contexto dos emojis, já que diferentes dispositivos podiam interpretar e exibir os símbolos com características gráficas diferentes.

De acordo com a página da internet do Unicode, este surgiu em 1991, sendo gerido pelo Unicode Consortium, uma organização global sem fins lucrativos, que desenvolve e mantém uma base para o processamento, armazenamento e troca de dados em formato de texto em qualquer idioma, portanto não é um software nem uma fonte, mas sim um sistema de codificação que atribui um código numérico único para cada caractere.

O Consórcio declara que o nome Unicode é o resultado da união de "três objetivos: universal (atendendo às necessidades das línguas mundiais); uniforme (códigos de largura fixa para acesso eficiente) e único (a sequência de bits tem apenas uma interpretação em códigos de caracteres)".

Cabe registrar que esse sistema não codifica línguas em si, mas os caracteres que compõem os diferentes sistemas de escrita. Por exemplo, ele define um conjunto de caracteres latinos, que é usado para muitos idiomas diferentes, como o francês e o inglês, abrange também uma ampla gama de escritas, desde as mais utilizadas até as menos comuns e históricas.

Ainda de acordo com a página do Consórcio, há outras organizações que desenvolvem padrões e normas em geral e o Unicode trabalha com o padrão ISO 10646 de especificação de codificação de caracteres, mantendo-se sincronizados, enquanto continuam sendo estendidos para incorporar caracteres adicionais, que auxiliam desenvolvedores na criação de aplicativos de software que funcionam em qualquer idioma do mundo. No Brasil, fundada em 1940 e associada à ISO, temos a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), onde podem ser compradas normas técnicas, inclusive a norma ISO 10646, com o custo de R$ 1.664,00, em 17/07/2023 (ABNT, 2023).

A composição do Unicode é baseada em três principais elementos:

1. **Conjunto de caracteres:** que inclui todos os símbolos, letras, números, ideogramas e emojis utilizados em diversas línguas e culturas ao redor do mundo;

2. **Padrão de codificação:** o mais comum é o UTF-8 (Unicode Transformation Format - 8 bits), que utiliza de 1 a 4 bytes para codificar cada caractere, dependendo de sua posição no conjunto de caracteres;

3. **Tabelas de codificação:** que fornecem a correspondência entre os códigos numéricos e os caracteres específicos do conjunto Unicode. Essas tabelas permitem que os sistemas de computadores traduzam os códigos numéricos em representações gráficas e vice-versa, garantindo a exibição correta dos caracteres em diferentes dispositivos e plataformas.

O consórcio é composto por várias empresas e organizações da indústria de tecnologia. Além disso, conta com um comitê técnico, composto por especialistas em linguística, codificação de caracteres e tecnologia da informação, e com um comitê de governança, responsável por questões administrativas e de gestão.

Compondo o quadro de diretores, diretores executivos, presidentes de comitês técnicos e equipe (Unicode, 2023), são 33 homens e 6 mulheres, que ocupam cargos em empresas tais como Microsoft, Netflix, Google, Adobe, Salesforce, Meta, Apple, Intel, IBM, Mozilla, PayPal.

O Consórcio é mantido por adesões de membros, doações e outras alternativas, como por exemplo a possibilidade de adoção permanente de um caracter Unicode, em um de três níveis: Ouro – $ 5.000 (atualmente com 76 patrocinadores), Prata – $ 1.000 (atualmente com 99 patrocinadores) e Bronze – $ 100 (atualmente com 1048 patrocinadores), como pode ser constatado na homepage da Unicode. Outra opção é tornar-se membro, seja organizacional (cujos valores podem variar de $5.000 a $50.000) ou individual (cujos valores podem variar de $35 a $75, anualmente ou $750, se vitalício), conforme informações contidas em sua página, consultada em agosto de 2023.

Em 2010, o Consortium Unicode começou a padronizar os emojis e possibilitou que fossem utilizados e visualizados de maneira consistente em diferentes sistemas operacionais, aplicativos e redes sociais.

Qualquer pessoa pode submeter propostas de novos emojis (um processo minucioso que pode durar até dois anos) e que deve obedecer alguns fatores de seleção de inclusão e de exclusão. Resumidamente, podemos elencar: compatibilidade com sistemas populares (ex. Twitter), nível de uso (frequência, possibilidade de uso em sequência, originalidade, representatividade. Além disso, é importante que não seja excessivamente específico, seja distintamente reconhecível em tamanhos pequenos, preencha uma lacuna nas categorias existentes e não inclua textos. Os direitos de imagens também são avaliados, evitando logos, marcas, IP de terceiros, pessoas específicas, edifícios, deidades, dentre outras condições.

Outro fator considerado (e é necessário serem incluídas as imagens da tela) é a demanda de pesquisa no Google (incluindo Google Trends, imagens e vídeos) e no Bing, sendo, para efeito de comparação, valores medianos (atualmente, no Google, 750 milhões de buscas de determinado termo).

Questões sobre gênero e diversidade são explicitadas nas páginas do Unicode, onde podemos ler, por exemplo:

> Pessoas em todo o mundo querem ter emojis que reflitam mais a diversidade humana, especialmente no tom de pele. Os caracteres emoji Unicode para pessoas e partes do corpo devem ser genéricos e mostrados com uma aparência genérica (não humana), como uma cor amarela/laranja semelhante à usada para rostos sorridentes.

Quanto aos tons de pele, o padrão utilizado é a Escala Fitzpatrick, cuja explicação buscamos no site da Sociedade Brasileira de Dermatologia:

> A mais famosa classificação dos fototipos cutâneos é a Escala Fitzpatrick, criada em 1976 pelo médico norte-americano Thomas B. Fitzpatrick. Ele classificou a pele em fototipos de um a seis, a partir da capacidade de cada pessoa em se bronzear, assim como, sensibilidade e vermelhidão quando exposta ao sol, sendo:
> Pele branca – sempre queima – nunca bronzeia – muito sensível ao sol;
> Pele branca – sempre queima – bronzeia muito pouco – sensível ao sol;
> Pele morena clara – queima (moderadamente)– bronzeia (moderadamente) – sensibilidade normal ao sol;
> Pele morena moderada – queima (pouco) – sempre bronzeia – sensibilidade normal ao Sol;
> Pele morena escura – queima (raramente) – sempre bronzeia – pouco sensível ao sol;
> Pele negra – queima (raramente) – totalmente pigmentada – minimamente sensível ao sol.

Em conclusão, emojis são elementos gráficos que surgiram como uma resposta à necessidade de expressar emoções e intenções em comunicações digitais. Ao longo do tempo, evoluíram e tornaram-se uma linguagem visual global, permitindo que pessoas de diferentes culturas se comuniquem de forma mais clara e expressiva.

2.4.1.3 Uso de emojis em contextos educacionais

Em artigo de revisão sistemática de um corpus de 167 artigos sobre emojis, Bai Q, Dan Q. Um Z e Yang M (2019) relatam que a revisão indicou a importância dos emojis como símbolos que refletem características políticas e culturais específicas, sugerindo que a forma como os emojis são utilizados pode ter um impacto significativo na comunicação e na sociedade como um todo, entretanto destacam a necessidade de conscientização sobre o uso responsável de emojis, uma vez que a popularidade dos emojis está relacionada à comunicação multicultural e à globalização cultural e à promoção de relações interculturais mais amplas e inclusivas.

De acordo com revisão sistemática em análise, pode haver um poder subjacente no uso de pistas não verbais, como emojis, no sentido de fortalecer desigualdades, portanto reforçar as estruturas de poder existentes ou, por outro lado, desafiá-las e serem instrumentos de mudança social (como por exemplo, oferta de emojis representativos de diferentes tons de pele e a inclusão de pictogramas com diferentes configurações de composições familiares – uma criança e duas figuras femininas ou masculinas).

A revisão sistemática indicou que apenas 2,37% do corpus do estudo são atinentes ao contexto educacional e referem-se ao impacto positivo do uso de emojis na aprendizagem (especialmente no ensino mediado por computador), acrescentando que podem auxiliar crianças pequenas a compreenderem conceitos abstratos, como gestão interpessoal e emoções, e melhoras na capacidade expressiva.

De fato, podem ser ferramentas interessantes para tornar a comunicação mais dinâmica, atrativa e inclusiva, especialmente em ambientes digitais cuja distância geográfica é uma realidade; podem auxiliar na expressão de sentimentos, no estímulo à criatividade e na promoção da interação entre docentes e discentes. Além disso, esses recursos podem contribuir para a construção de uma atmosfera positiva e acolhedora no ambiente virtual de aprendizagem.

Entretanto, a intencionalidade é pedra angular em contextos educacionais e precisa permear a utilização desses recursos de modo a enriquecer a comunicação, promover a compreensão e ampliar as possibilidades de expressão dos estudantes. Além disso, é importante considerar a diversidade cultural e os diferentes significados atribuídos aos emojis e figurinhas em diferentes contextos. O educador deve estar atento a possíveis interpretações equivocadas e buscar promover um ambiente de respeito e inclusão, valorizando a diversidade de expressões e pontos de vista.

Em um mundo onde todos têm a possibilidade de publicizar suas vidas e pensamentos, surgem questões relevantes relacionadas à hegemonia, identidade cultural, etnia, autonomia de pensamento e autoria. O uso massivo das tecnologias digitais de informação e a disseminação das redes sociais têm impacto significativo nesse contexto.

Por um lado, a ampliação do acesso à produção e circulação de conteúdos proporciona uma maior diversidade de vozes e perspectivas, o que é fundamental para o reconhecimento e valorização das diferentes identidades culturais e étnicas presentes em nossa sociedade, e as tecnologias digitais podem funcionar como plataformas de expressão e empoderamento, permitindo que grupos historicamente marginalizados compartilhem suas narrativas e reivindiquem seu devido lugar no discurso público.

Por outro lado, é importante destacar que, a despeito de suas possibilidades polifônicas, ainda existe a presença de uma hegemonia também reproduzida nos espaços ciberculturais, alimentada por algoritmos e mecanismos de recomendação – que podem privilegiar determinados tipos de conteúdo, perpetuando desigualdades e limitando a diversidade de ideias e pensamentos.

As tecnologias digitais oferecem meios para que as pessoas compartilhem suas experiências e expressões culturais de maneira ampla, possibilitando o fortalecimento de identidades culturais e étnicas, bem como a promoção de diálogos interculturais. Porém, é essencial a consciência das dinâmicas de poder que influenciam a visibilidade e a representatividade dessas identidades nas redes sociais, uma vez que a hegemonia, de variadas origens (cultural, tecnológica, política, econômica etc.), pode influenciar a forma como certos grupos são retratados e reconhecidos, enquanto outros são marginalizados ou estereotipados.

Nesse cenário, a autonomia de pensamento e a autoria ganham uma importância ainda maior, através de práticas pedagógicas que incentivem o desenvolvimento de uma postura reflexiva e questionadora que fortaleça suas vozes na produção coletiva do conhecimento. Entretanto, para promover a construção de um ambiente digital democrático e respeitoso, uma autoria responsável envolve a consciência de impactos e de responsabilidades éticas na publicização de pensamentos e opiniões, bem como o respeito a direitos e implicações legais.

Em razão do que explanamos até agora, em um mundo globalizado, no qual a comunicação transcende fronteiras e limitações geográficas, é fundamental compreender como os emojis e figurinhas podem se tornar ferramentas poderosas na expressão de sentimentos e clarificação de intenções discursivas em comunicações digitais.

Sob uma perspectiva educacional, é fundamental compreendermos como esses elementos podem ser incorporados às práticas escolares de forma pedagogicamente eficaz e como auxiliam na construção de uma comunicação mais efetiva entre professores e alunos, proporcionando uma interação mais dinâmica e engajadora.

Outro aspecto relevante é compreender como os emojis e figurinhas são criados e disponibilizados. Muitas plataformas e aplicativos oferecem uma ampla gama desses elementos gráficos, porém, é importante discutir a questão da intencionalidade por trás de sua criação e como isso pode influenciar sua utilização nas comunicações digitais. A conscientização sobre esse processo de criação e disponibilização pode auxiliar tanto docentes quanto usuários em geral a fazerem um uso mais reflexivo e crítico desses recursos.

Como é verificável nas páginas digitais do Unicode Consortium e do Subcomitê, a possibilidade de sugerir novos emojis, ainda que pareça democrático e representativo, é um

processo complexo e dependente de discussão, análise, deliberação e aprovação de um grupo de pessoas composto por grandes empresas de tecnologias digitais – que, por seu turno, determinam os suportes e os conteúdos que usamos todos os dias – cuja representatividade ainda é masculina, branca e componente de uma elite com acesso privilegiado à Educação.

A questão que se coloca é o direito que todos temos de tomarmos consciência de como são produzidos o que usamos, e como usamos, sobre a cultura dominante e sua influência sobre quais símbolos são incluídos e como são retratados, correndo-se o risco de reforço das estruturas hegemônicas e ao apagamento de tradições culturais menos representadas, frente ao fato irreversível da dependência de dispositivos tecnológicos digitais e da internet, que, por seu tino, certamente exacerba as desigualdades digitais existentes.

De acordo com a fundamentação pedagógica desse trabalho, podemos afirmar que a pedagogia crítica freiriana é particularmente pertinente nessa análise, pois enfatiza a importância de uma educação emancipatória que reconhece a cultura, o conhecimento, a linguagem dos alunos como parte essencial do processo de ensino-aprendizagem, bem como a reflexão acerca da produção de conhecimentos e de imposições.

Uma abordagem pedagógica que garante o diálogo e a discussão sobre como a linguagem e os símbolos são imbuídos de significados culturais profundos e o papel da homogeneização cultural, onde elementos distintos das culturas são reduzidos a um conjunto limitado de representações, ignorando suas complexidades e significados culturais mais profundos. A mera inclusão de caracteres não garante uma educação emancipatória, ainda que atual e "antenada" à inclusão de novas tecnologias digitais.

O desenvolvimento da consciência que vimos abordando, tem resultados na vida prática, no letramento digital que, para além de instrumentalizar, constrói uma cidadania local com competências mundiais.

> A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele, e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica que tanto a visão de si mesmo como a do mundo não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. Faz dele, na feliz expressão de Marcel, um ser "situado e datado". Daí que a massificação implique no desenraizamento do homem. Na sua "destemporalização". Na sua acomodação. No seu ajustamento. (Freire, 2015)

O uso de emojis em comunicações digitais tem trazido consequências em vários campos da atuação humana, como podemos verificar a partir dos exemplos a seguir:

Em janeiro de 2015, Osiris Aristy, aos dezessete anos, foi preso pelo Departamento de Polícia de Nova York, no Brooklyn (EUA), por "fazer uma ameaça terrorista" (se condenado,

é crime passível de pena de sete anos de prisão). O adolescente costumava postar conteúdo depreciativo sobre a polícia, porém, após fazer uma postagem no Facebook, cujo conteúdo eram emojis de um policial e de armas (👮🔫🔫), teve um mandado de prisão emitido. (R7, 2022)

Em 08 de julho de 2023, a página na internet da CNN Brasil publicou um relato sobre um processo judicial canadense, datado de 08/06/23, na província de Saskatchewan, que envolveu uma disputa de alegação de não cumprimento de um contrato de compra e venda. O agricultor, suposto vendedor, foi condenado a pagar aproximadamente trezentos mil reais por danos. A decisão foi tomada pelo juiz T.J. Keene, que, além de outros elementos do processo, entendeu que um emoji de "polegar para cima", conhecido como "joinha", é tão legalmente vinculativo quanto uma assinatura de contrato e argumentou que "o tribunal não pode (nem deve) tentar frear a maré da tecnologia e do uso comum" (CNN Brasil, 2023).

Abaixo, uma imagem de uma página na internet do CNN Brasil (2023), que declara ter por objetivo "fornecer acesso on-line eficiente e aberto a decisões judiciais e documentos legislativos":

> [40] Counsel for Achter remonstrates that allowing a simple 👍 emoji to signify identity and acceptance would open up the flood gates to allow all sorts of cases coming forward asking for interpretations as to what various different emojis mean – for example what does a 👊 emoji mean or a 🤝 emoji mean, etc. Counsel argues the courts will be inundated with all kinds of cases if this court finds that the 👍 emoji can take the place of a signature. This appears to be a sort of public policy argument. I agree that this case is novel (at least in Saskatchewan) but nevertheless this Court cannot (nor should it) attempt to stem the tide of technology and common usage – this appears to be the new reality in Canadian society and courts will have to be ready to meet the new challenges that may arise from the use of emojis and the like.

Em livre tradução:

> [40] O advogado de Achter protesta que permitir que um simples emoji signifique identidade e aceitação abriria as comportas para permitir que todos os tipos de casos surgissem pedindo interpretações sobre o significado de vários emojis diferentes - por exemplo, o que significa um emoji [imagem de soco] ou um emoji [aperto de mãos] significa etc. O advogado argumenta que os tribunais serão inundados com todos os tipos de casos se este tribunal decidir que o emoji [joinha] pode substituir uma assinatura. Isso parece ser uma espécie de argumento de política pública. Concordo que este caso é novo (pelo menos em Saskatchewan), mas, no entanto, este Tribunal não pode (nem deve) tentar conter a tendência da tecnologia e do uso comum - esta parece ser a nova realidade na sociedade canadense e os tribunais terão que estar prontos para enfrentar os novos desafios que podem surgir com o uso de emojis e afins."

No artigo de McMahon e Kirley (2019), *When cute becomes criminal: emoji, threats and online grooming* (*Quando o fofo se torna criminoso: emojis, ameaças e cuidados on-line*, em tradução livre), encontramos o resultado da análise de uma amostra de crimes e de revisões de processos judiciais, sob o enfoque do uso generalizado de emojis nas comunicações online. As autoras indicam que, embora os emojis sejam frequentemente considerados inofensivos complementos de mensagens digitais, também são usados para transmitir ameaças e facilitar a exploração sexual de menores e atribuem este fato à capacidade dos emojis de evocar emoções e criar confiança. De acordo com o texto, emojis estão cada vez mais sendo reconhecidos como facilitadores de atividades criminosas, como ameaças e solicitações sexuais ilegais, em plataformas online e em mensagens privadas.

Além disso, examina como emojis foram admitidos como evidências em julgamentos criminais e reconhece as complexidades na interpretação e representação desses elementos visuais em processos legais e conclui que a imposição de responsabilidade criminal por ameaças ou solicitações ilegais por meio do uso de emojis é uma evolução necessária do direito penal para se adaptar à era digital.

São inúmeras as possibilidades de uso de emojis, bem como possíveis consequências, inclusive em âmbito legal, conforme demonstramos, ainda que também possa ser lúdico, engajador, afetivo e prático.

O estudo sobre emojis, de forma interdisciplinar, crítico e consciente, na área educacional, é tema relativamente novo, mas fundamental para SULearmos nossas construções epistemológicas, em concordância com Campos (2022):

> Por outro lado, SULear integra aspectos ideológicos e geopolíticos consolidando algumas formas de resistência à importação pura e simples de saberes, comportamentos e regras do NORTE, sem ao menos problematizar se esses saberes podem ser apropriados a nós ou se devemos enfrentar os desafios de, através de um ponto de vista local ou até nativo, construirmos novos.

Numa perspectiva descolonizadora, que, conforme Joaquim, Vóvio e Pesce (2020), "(…) é construir outras formas de compreender e de se fazer pedagogia, identificando e denunciando as amarras da colonialidade no pensamento e nas políticas públicas educacionais".

3 MÉTODO

Baseando-nos na conceituação de Gil (2011) sobre o que é método científico, a saber, “um conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos utilizados para atingir o conhecimento”, descreveremos nosso percurso metodológico para a realização da pesquisa.

Nosso trabalho investigativo configurou-se como uma pesquisa aplicada à área educacional, precipuamente à práxis docente, portanto, com finalidades prática, uma vez que desejou proporcionar reflexões no uso de emojis nas comunicações digitais na Educação, com vistas a contribuir e promover mudanças significativas quanto a práticas pedagógicas críticas. Esperamos que os resultados obtidos conduzam a novas perguntas que podem (e devem) gerar outras pesquisas.

Adotamos uma abordagem mista, ao combinar elementos qualitativos e quantitativos, portanto é uma pesquisa delineada como uma investigação quali-quanti, pois busca acessar e compreender percepções e experiências dos participantes para análise de aspectos subjetivos e contextuais do fenômeno (aspectos qualitativos), ao mesmo tempo em que fornece dados que possibilitam a identificação de padrões e tendências numéricos (aspectos quantitativos).

3.1 COLETA DE DADOS

A partir de nossa inquietação, para atingirmos o nosso objetivo geral que é investigar a presença ou ausência de intencionalidade docente no uso de emojis, em comunicações digitais em contexto educacional, desenvolvemos um questionário para a coleta de dados. Optamos por usar esta técnica, através do aplicativo Google Forms, pois consideramos que a modalidade online oferece vantagens, tais como praticidade na administração, maior abrangência no número de participantes e maior possibilidade de anonimato para os respondentes - fator essencial para promover maior liberdade e sinceridade nas respostas.

Levamos em consideração questões éticas, no sentido de garantir a integridade e o respeito aos participantes. Antes de iniciar o preenchimento do questionário, todos os respondentes receberam informações detalhadas sobre o propósito e a natureza do conteúdo, bem como sobre a instituição responsável pela condução do estudo. Além disso, foram fornecidos os contatos dos orientadores e da pesquisadora, no intuito de serem canais para esclarecimento de dúvidas ou obtenção de mais informações sobre o projeto – o que não ocorreu. Registramos, ainda, que todos os participantes concordaram com os Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - até porque este era a primeira parte do formulário e só

seria possível iniciar as respostas após aceitá-lo (ou não participar da pesquisa, sem prejuízos para o desistente).

A proteção da confidencialidade dos dados também foi assegurada desde o início, garantindo que todas as respostas fossem tratadas de forma anônima, como garantia de um ambiente seguro para o compartilhamento de suas percepções e experiências.

Os participantes foram selecionados de forma não probabilística por conveniência, considerando a disponibilidade e o interesse em participar da pesquisa. Ambos os grupos foram recrutados a partir de compartilhamentos em redes sociais e aplicativos de conversas instantâneas, Facebook e WhatsApp, sem direcionamento exclusivo ao público docente..

Considerando o meio de coleta de dados, questionário online, é importante sinalizar algumas possíveis limitações desta pesquisa: há a possibilidade de que indivíduos com maior interesse ou familiaridade com o tema tenham sido mais propensos a participar, assim como docentes que possuem maior interesse ou afinidade com a temática, podendo não representar completamente a diversidade de opiniões e práticas docentes. Outra questão diz respeito à quantidade de participantes, pois a disseminação online faz com que o pesquisador necessite aguardar os retornos, o que pode levar tempo, e, de fato, nosso questionário recebeu respostas de 22 de outubro de 2022 a 13 de abril de 2023.

3.2 AS PERGUNTAS

A estrutura do questionário compôs-se de perguntas fechadas e abertas, distribuídas em cinco seções, conforme Apêndice, divididas em seções.

Na **Seção 1**, elaboramos uma introdução com explicações sobre a pesquisa e dados da pesquisadora para contato; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, com declaração de maioridade e quadro para marcação de concordância - ao fazê-lo, e tão somente se concordasse, o participante era encaminhado à seção 2.

A **Seção 2** foi composta por perguntas comuns a todos os participantes, com respostas de múltipla escolha e uma opção para livre preenchimento, buscou atender, de forma concomitante, a dois objetivos específicos, a saber, identificar se docentes utilizam emojis em conversas digitais em contextos educacionais, e, ainda, verificar se existem diferenças significativas no uso de emojis por docentes e não docentes, por meio da comparação de seus discursos. Para tanto, perguntamos: "Você utiliza aplicativo de conversas instantâneas?"; "Qual ou quais mais utiliza?"; "Em suas conversas por aplicativos, ao utilizar os recursos de emojis, emoticons e/ou figurinhas, você o faz com que intenção?"; "Você utiliza esses recursos (emojis,

emoticons, figurinhas) em conversas pessoais e profissionais?"; e, finalmente, "Na pergunta anterior, caso tenha respondido: "Sim, porém utilizo emojis, emoticons, figurinhas diferentes para as conversas pessoais e para as conversas profissionais", por que o faz?".

Ao dar continuidade, o respondente era direcionado para a próxima etapa, a **Seção 3**, ainda para todos os participantes. Esta seção foi composta por perguntas sobre dados gerais, tais como, idade, gênero com o qual se identifica, formação e uma pergunta sobre a profissão (Você atua como docente?). Caso respondesse SIM, o participante era direcionado para a seção 4, com perguntas atinentes à área educacional e, depois, para a seção 5, novamente comum a todos; caso respondesse NÃO, o participante era direcionado para a seção 5, composta por duas perguntas de respostas abertas e mais um espaço para participação livre na pesquisa.

O questionário chega ao fim na **Seção 5**, na qual todos os respondentes tiveram acesso às seguintes perguntas: "Você já teve a experiência de, enquanto aluno(a), ter professores(as) que faziam carinhas, desenhos e/ou palavras de incentivo (ou carimbavam) em seu caderno e/ou atividades? Caso sim, o que isso representava para você?"; "Se você se comunica (ou se comunicou), através de aplicativos de conversas, no papel de aluno(a), com docente(s) de cursos que faz (ou fez) a utilização de emoticons, emojis e/ou figurinhas faz (ou fazia) alguma diferença para você?"; "Espaço para perguntas que não fiz e você gostaria de responder (😬) e/ou para suas observações".

3.2.1 Participantes docentes

A **Seção 4** foi direcionada somente para os participantes atuantes na área educacional e buscou atender aos objetivos específicos a seguir: "Constatar se há intencionalidade pedagógica, quando utilizam tais recursos não verbais em contextos educacionais" e "Analisar as percepções docentes sobre a utilização de emojis em contextos educacionais".

Compunha essa etapa as seguintes perguntas: "Em qual segmento educacional você atua?"; "Esfera de atuação profissional"; "Modalidade de atuação docente"; "Você utiliza aplicativo de conversas instantâneas e os recursos emojis, emoticons, figurinhas em conversas com alunas e alunos?"; "Por favor, em breves palavras, explique sua resposta para a pergunta anterior"; "Você pensa que a Pandemia de COVID-19 (e a imposição do distanciamento social) teve papel fundamental no uso de tais aplicativos e seus recursos de comunicação com uso de ícones e imagens?"; e, por fim, "Em conversas com alunas e alunos, qual a sua intenção ou intenções ao utilizar os recursos de emojis, emoticons e/ou figurinhas?

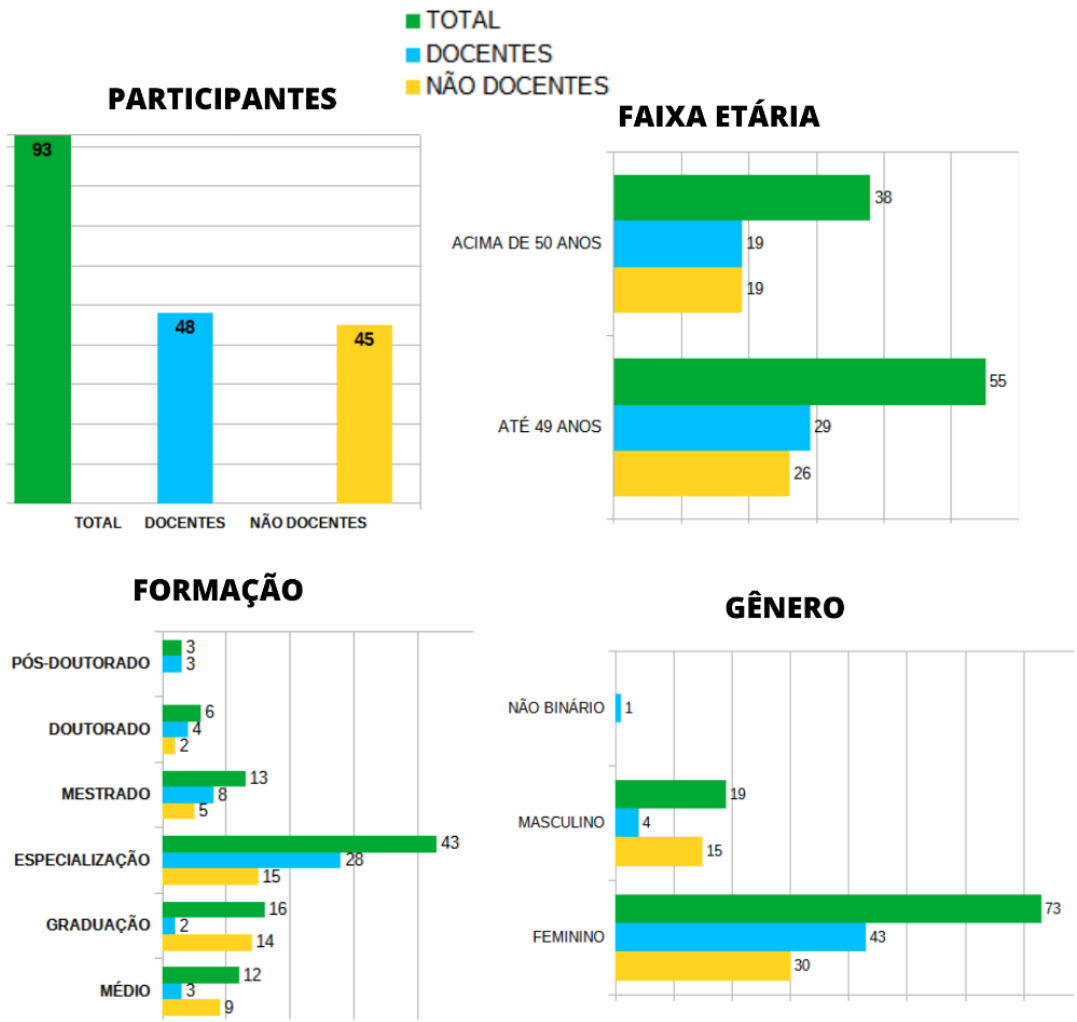
A divisão em dois grupos de atuação profissional permitiu a comparação entre as respostas e a verificação de existirem ou não diferenças significativas no uso de emojis em conversas por meio digitais de comunicação, com vistas a atingirmos o objetivo específico “Verificar se existem diferenças significativas no uso de emojis por docentes e não docentes, por meio da comparação de seus discursos”.

No próximo capítulo, apresentaremos os dados coletados e análises sobre eles.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

Nossa pesquisa obteve um total de 93 participantes, sendo 48 docentes e 45 não docentes, conforme a tabela abaixo. Como é possível constatar, há uma quantidade quase equivalente de participantes em ambos os grupos, docentes e não docentes. Isto possibilitou melhores informações e inferências sobre o fenômeno em estudo, pois o grupo de interesse, ou seja, a população-alvo da pesquisa, forneceu dados sobre uso de emojis em comunicações digitais no âmbito educacional e o grupo de não-docentes, portanto, o grupo de controle, propiciou elementos de comparação sobre uso de emojis em comunicações fora do âmbito educacional.

Gráfico 3 - Informações sobre os participantes



Fonte: Elaborada pela autora

Quanto à faixa etária:

Verificamos que dos 93 respondentes, 55 estão na faixa etária até 49 anos (representando 59,14%) e 38 estão acima dos 50 anos de idade (40,86%). Analisando os grupos separadamente, obtivemos 29 docentes com faixa de idade até 49 anos (52,73%) e 19 acima dos 50 anos de idade (50%); os não docentes apresentam o mesmo quantitativo que os docentes na faixa de idade até 50 anos e na faixa até 49 anos temos 26 respondentes, o que corresponde a 47,28%.

Os docentes de idade mais avançada poderiam apresentar uma maior resistência no uso de ferramentas tecnológicas, se comparados com os mais novos, porém, considerando que não há uma grande discrepância quanto à faixa de idade entre os docentes nas duas faixas de idade, teremos um equilíbrio na análise dos dados, quanto a este item.

Quanto ao gênero:

Do total de respondentes, 73 se declararam do sexo feminino (78,49%), 19 do sexo masculino (20,43%) e apenas 1 declarou-se não binário (1,07%). No grupo de docentes, que é o nosso foco principal, temos 43 pessoas do sexo feminino (58,9%) e apenas 4 do sexo masculino (21,05%), além do que se declarou não binário. Como o quantitativo de docentes de sexo masculino foi muito baixo, tornou-se inviável averiguar se há interferência do fator gênero na utilização de emojis por parte dos docentes.

Quanto à formação:

Da amostra total, há 65 respondentes (69,89%) que declararam ter pós-graduação (de especialização a pós-doutorado), sendo que o grupo de docentes apresenta uma proporção ainda maior de pós-graduados (89,58%), em contraponto aos não docentes. A Especialização é o curso com maior incidência (46,24%), tanto para o grupo de não docentes (33,33%), quanto para o grupo de educadores (58,33%).

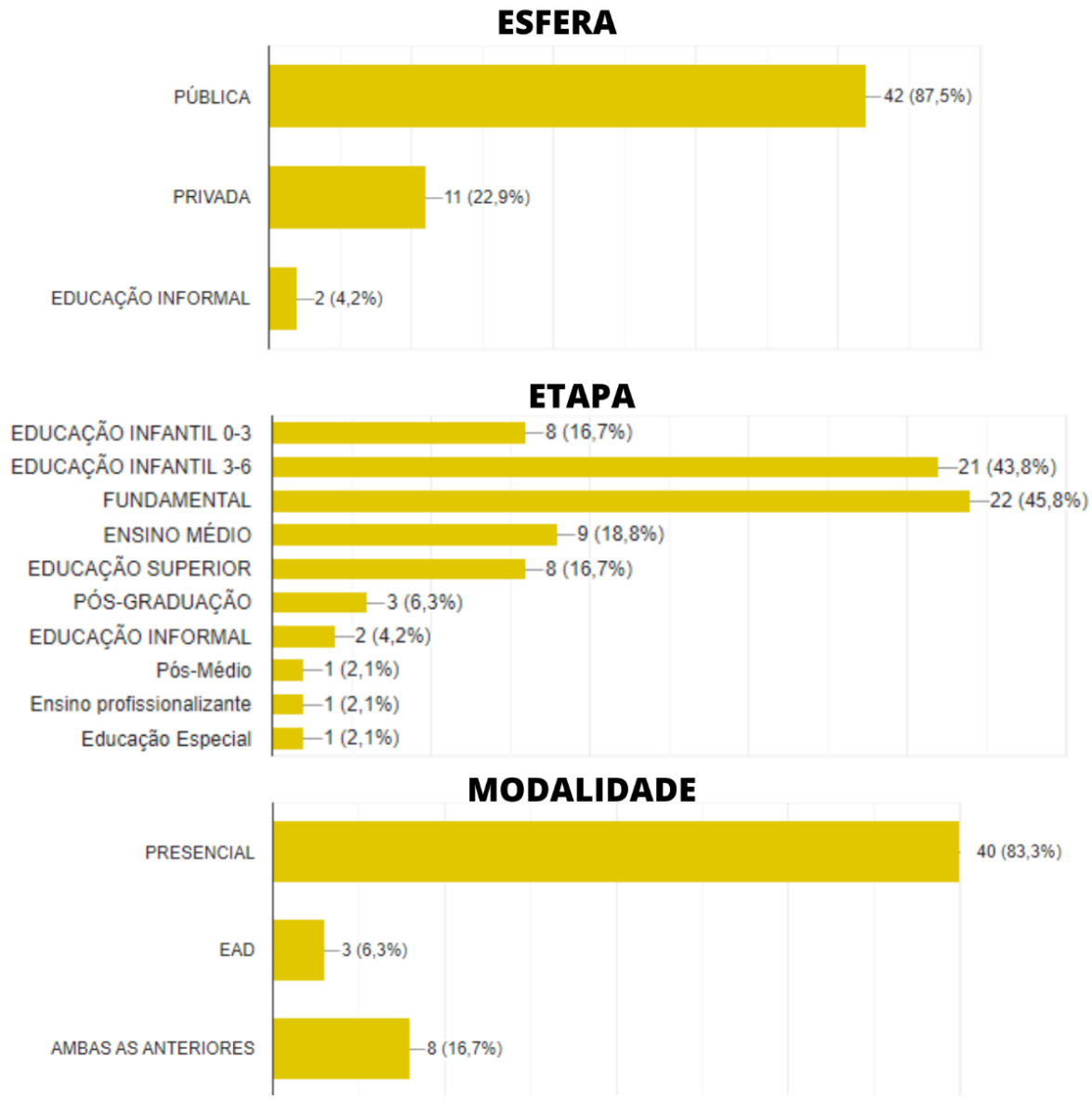
Quanto à atuação profissional:

Quanto à atuação profissional do grupo composto por docentes, conforme Gráfico 4, observamos que a maioria:

- Trabalha na esfera pública da educação formal (87,5%);
- Atua na educação infantil (43,8%) ou no nível fundamental (45,8%); e
- Atua exclusivamente na modalidade presencial (79,17%).

Apenas 6,3% dos docentes trabalham na modalidade EAD e 16,7% atuam tanto presencialmente, quanto a distância. Esse dado é bastante significativo ao observarmos, mais à frente, o uso de emojis pelos profissionais, pois estes são usados em ferramentas digitais, que ainda podem não ser muito explorados pelos que atuam presencialmente

Gráfico 4 – Dados sobre atuação dos docentes

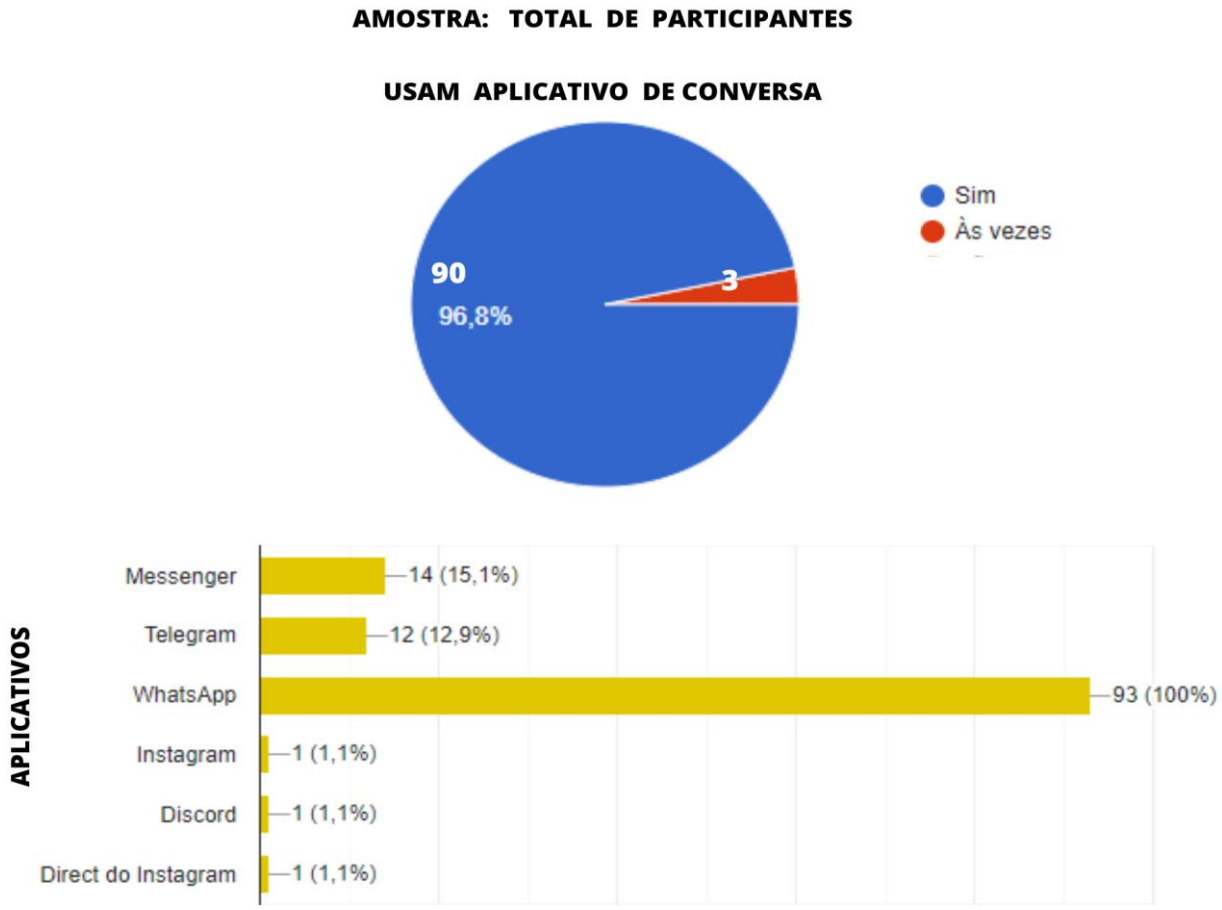


Fonte: Elaborado pela autora

Quanto à utilização de aplicativos de conversas

Após a aplicação do questionário, obtivemos os seguintes dados em relação ao uso de aplicativos de conversas:

Gráfico 5 – Utilização de aplicativos de conversas



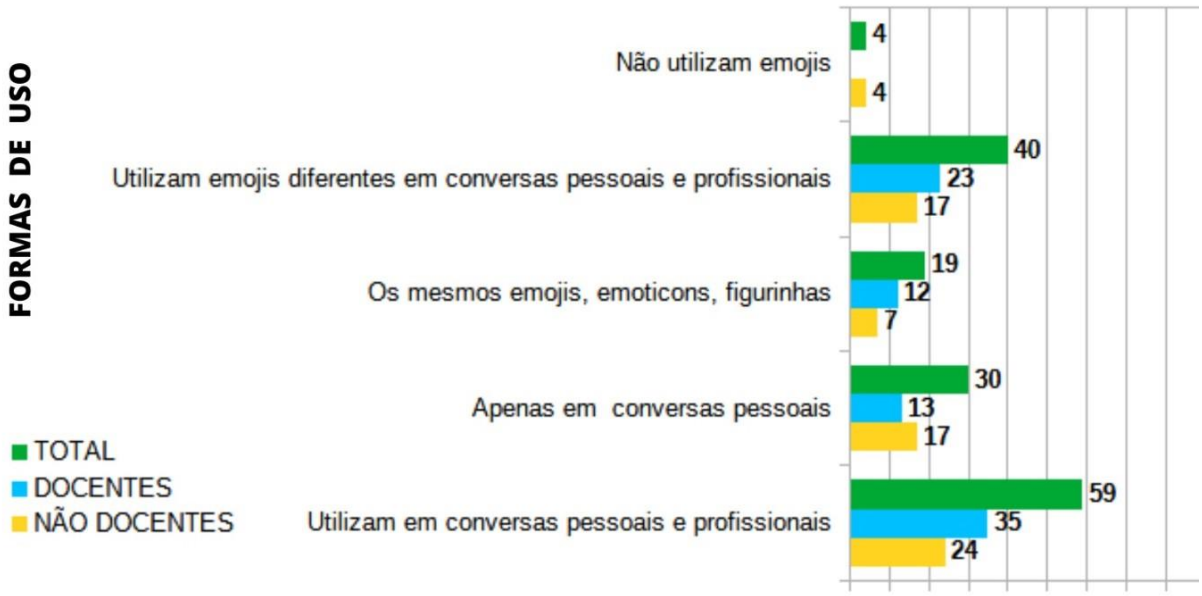
Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme podemos observar, todos os participantes da pesquisa utilizam aplicativos de conversas (93 participantes, 100%), sendo que 3 participantes (3,22%) afirmam utilizar esporadicamente. Quanto aos aplicativos, o WhatsApp é utilizado por todos os participantes, ainda que uma parte deles utilize outros também, em número bem menor.

Quanto ao uso de emojis

Apresentamos, a seguir, os dados referentes aos usos de emojis em conversas eletrônicas:

Gráfico 6 – Uso de emojis



Fonte: Elaborado pela autora

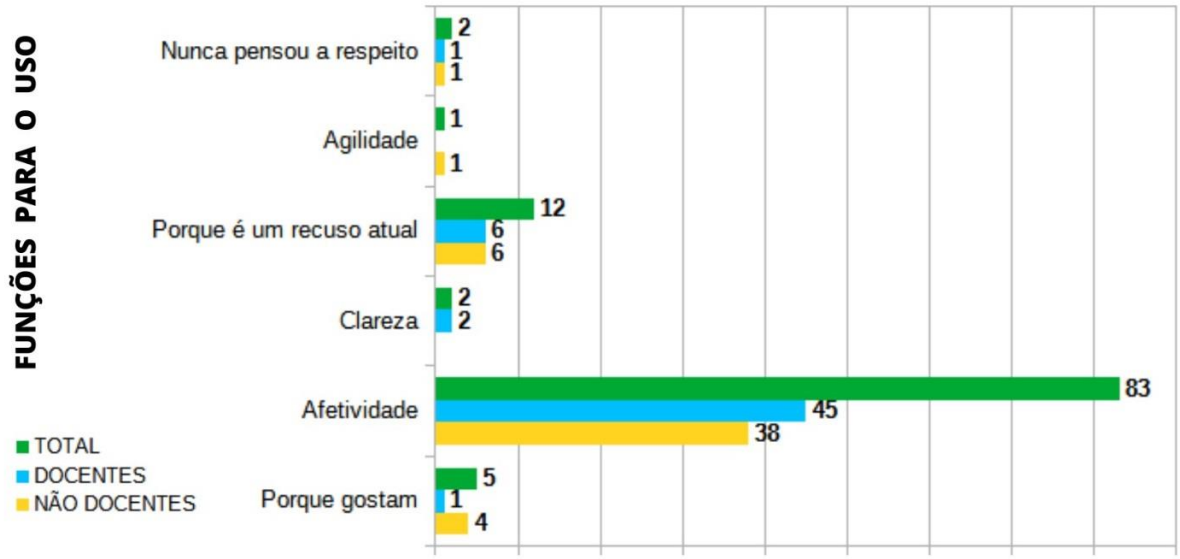
Apenas 4 participantes da pesquisa (4,3%) afirmaram não fazer uso de emojis em suas conversas por meios digitais e nenhum deles exerce a docência. Dentre os docentes, 35 (o que corresponde a 59,32%) utilizam emojis em conversas pessoais e profissionais. Observando este grupo, verificamos que 65,71% (23 participantes) utilizam emojis distintos em conversas pessoais e profissionais e os docentes que utilizam os mesmos emojis nos dois tipos de conversas correspondem a 34,29% (12 participantes). Esses dados são bastante significativos, deixando bem claro que há emojis considerados mais adequados para uma interação mais íntima e outros para uma interação mais profissional.

Devemos ressaltar que, dentre o grupo de docentes que não fazem uso de emojis profissionalmente, 17 (35,42%) declararam atuar na Educação Infantil somente. Não que este dado constitua um impedimento, mas apenas um obstáculo a mais no desafio de trabalhar com essa faixa etária.

Quanto à intencionalidade

Para a pergunta “Em suas conversas por aplicativos, ao utilizar os recursos de emojis, emoticons e/ou figurinhas, você o faz com que intenção? (Pode marcar mais de uma resposta)”, temos os seguintes resultados:

Gráfico 7: Intencionalidade no uso de emojis



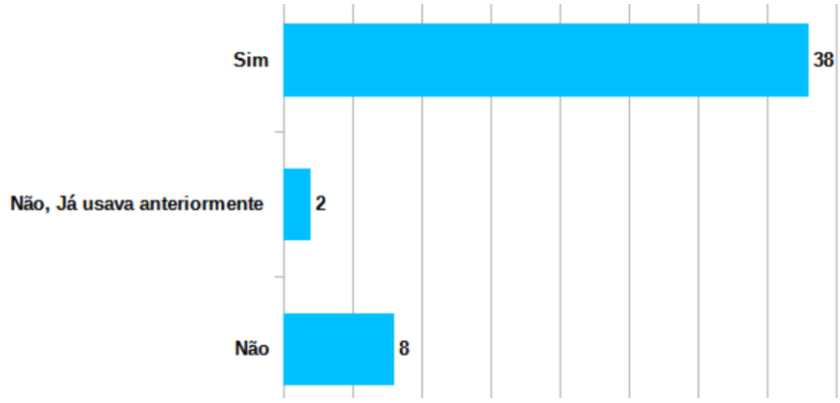
Fonte: Elaborado pela autora.

A afetividade foi, disparadamente, a intencionalidade mais selecionada pelos participantes da pesquisa, tanto no grupo de docentes, quanto de não docentes. Outras respostas apontam a clareza proporcionada por eles – o que é bastante questionável, quando pensamos que há emojis com interpretações distintas, de acordo com o usuário -, por ser um recurso muito utilizado na atualidade, pela agilidade na comunicação e/ou apenas pelo gosto pessoal.

Quanto à influência da Pandemia de Covid-19

Para a pergunta "Você pensa que a pandemia de COVID-19 (e a imposição do distanciamento social) teve papel fundamental no uso de tais aplicativos e seus recursos de comunicação com uso de ícones e imagens?", 38 docentes (79,17%) responderam que sim e 10 (16,67%) responderam que não, conforme gráfico:

Gráfico 8: Influência da pandemia no uso de emojis



Fonte: Elaborado pela autora.

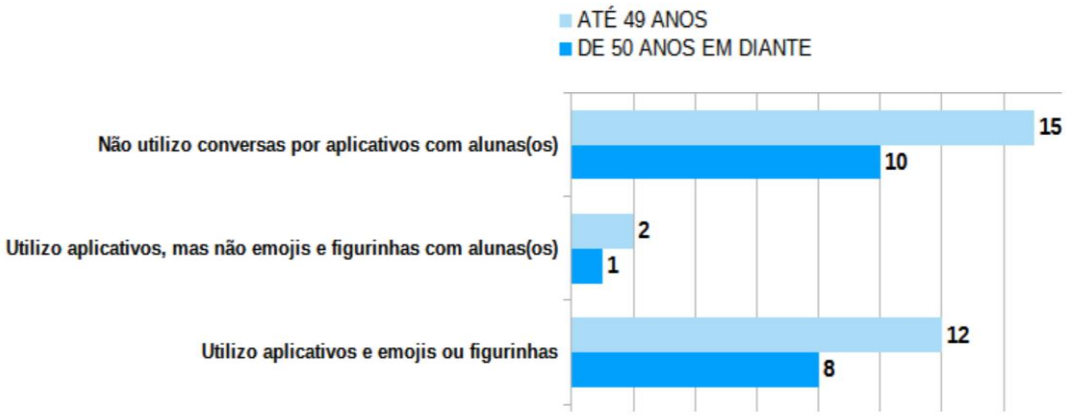
Dessa forma, constatamos a impressão, por grande parte dos docentes, de que o distanciamento social alavancou o uso dos aplicativos de mensagens e popularizou o uso de ícones e imagens. O fato de as aulas presenciais terem sido interrompidas obrigou toda a comunidade escolar a, abruptamente, adaptar-se ao ensino remoto, o que fez com que a comunicação fosse viabilizada por diferentes ferramentas tecnológicas.

Quanto ao uso de emojis por docentes

No gráfico seguinte, sobre os uso de emojis pelos docentes, podemos verificar que:

- Da amostra de participantes que são docentes, 25 (52,08%) não usam aplicativos de conversas com discentes, sendo que a maioria tem até 49 anos (60%), ou seja, a idade não foi determinante nesse caso. O mesmo ocorreu entre docentes que conversam com discentes, mas não utilizam emojis.
- Dentre os 20 (41,67%) docentes que utilizam emojis com estudantes, 12 (60%) estão na faixa etária de até 49 anos.

Gráfico 9 – Uso de emojis por docentes



Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto a memórias escolares

Para todos os participantes, fizemos uma pergunta quanto a memórias de tempos de infância, no que tange à prática docente de usar figuras coladas (geralmente estrelas recortadas de papel), palavras de incentivo ou carimbos (chamados pedagógicos ou não), em trabalhos e correções de cadernos e livros escolares.

Nossa pergunta deveu-se ao pressuposto de que tais recursos eram (e ainda são) utilizados como expressão de afetividade e fortalecimento de vínculo docente/discente que, em nossa hipótese inicial para a pesquisa, assume a mesma função do uso de emojis quando usado para o mesmo fim, fortalecimento de vínculo por afetividade nas comunicações, hoje, também

digitais. A seguir, apresentaremos os dados e alguns achados a respeito de tais memórias, conforme gráfico:

- Da amostra total de participantes, 60 (64,52%) responderam afirmativamente, sendo 39 (41,94%) da faixa de até 49 anos e 21 (22,58%) com 50 ou mais anos;

- Do grupo de não docentes, 28 (62,22%) responderam afirmativamente, sendo 21 (40%) da faixa de até 49 anos e 11 (22,22%) com 50 ou mais anos;

- Do grupo de docentes, 32 (66,67%) responderam afirmativamente, sendo 21 (43,75) da faixa de idade até 49 anos e 11 (22,92%) com 50 ou mais anos. Este dado nos revela que a prática docente de utilizar carimbos e outros elementos na correção dos exercícios feitos nos cadernos dos estudantes perpassa várias décadas, já que em ambas as faixas etárias há memórias deste tipo;

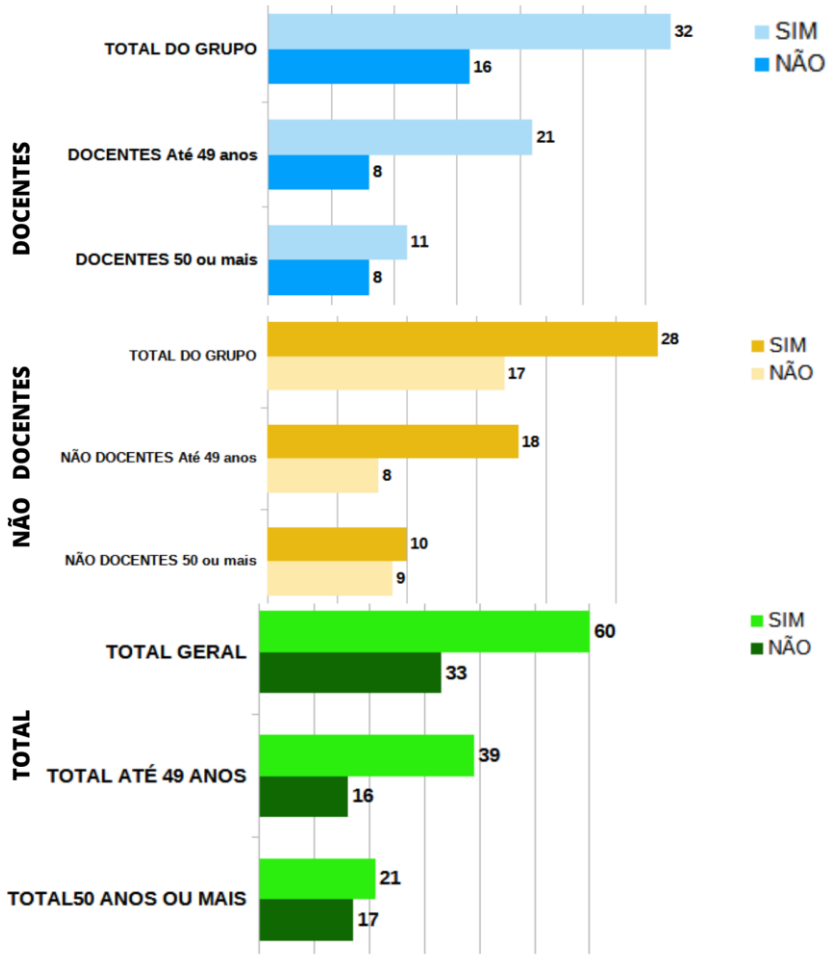
- 10 docentes (20,83%) afirmaram não terem memórias escolares desse tipo e não usam aplicativos e/ou emojis com alunos (sendo 6 atuantes na Educação Infantil);

- 6 docentes (12,5%) afirmaram não terem memórias escolares desse tipo e usam aplicativos e/ou emojis com alunos (nenhum atuante na Educação Infantil);

- 16 docentes (33,34%) afirmaram terem memórias escolares desse tipo e não usam aplicativos/emojis com alunos (sendo 10 atuantes na Educação Infantil). A PD6 (F, até 49 anos, Fundamental, rede pública) fez a seguinte declaração: *"Não utilizo meios tecnológicos para me comunicar com os alunos, mas utilizo carimbos e eles gostam muito"*;

- 14 docentes que usam aplicativos e/ou emojis com alunos, o que corresponde a 70%, afirmaram terem memórias escolares desse tipo (porém apenas 2 são atuantes na Educação Infantil);

Gráfico 10 - Memórias escolares - Figurinhas, carimbos e outros



Fonte: Elaborado pela autora

Como é possível perceber, a existência ou não de memórias do tempo de infância, por docentes, não constitui um indicativo da aplicabilidade ou não dos emojis junto aos alunos, em sua prática docente. Mesmo que a intencionalidade possa ser a mesma, não há como inferir tal prática ser motivada, mesmo que silenciosamente, por uma vivência na infância.

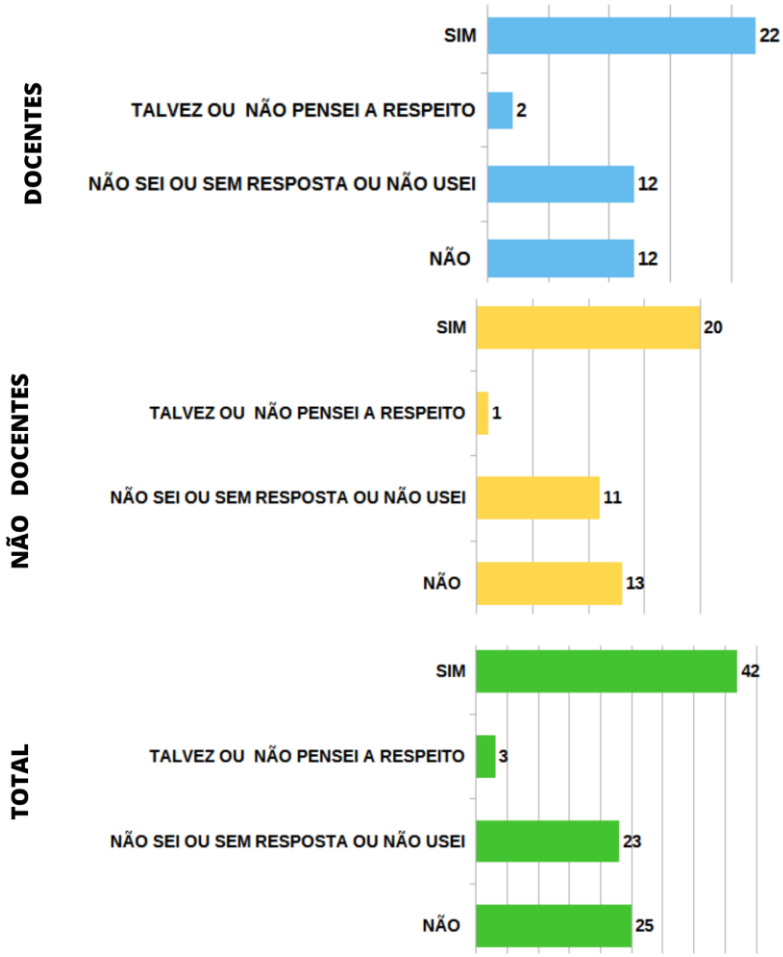
Quanto à posição de discente

Outra pergunta comum a todos os participantes foi: "Se você se comunica (ou se comunicou), através de aplicativos de conversas, no papel de aluna(o), com docente(s) de cursos que faz (ou fez), a utilização de emoticons, emojis e/ou figurinhas faz (ou fazia) alguma diferença para você?". Vejamos os dados, conforme gráfico:

- Da amostra total, 42 (45,16%) consideram que faz diferença, sendo 22 (45,83%) docentes e 20 (44,44%) não docentes;

- Da amostra total, 25 (26,88%) não consideram que faz diferença, sendo 12 (25%) docentes e 13 (22,22%) não docentes.

Gráfico 11 - Participantes no papel de discentes e suas comunicações com docentes



Fonte: Elaborado pela autora

Como podemos averiguar, para boa parte dos respondentes há uma diferença quando, na posição de discentes, recebem mensagens com esse tipo de imagens. Alguns apontam para a proximidade provocada pelo uso, o acolhimento, como podemos identificar nos exemplos a seguir: “Sim. Tornou a conversa mais afetiva” (P92), “Sim, creio que traz leveza na conversa e agrega no sentido de acolhimento” (P93) e “Acredito que o uso aproxima as pessoas” (P52).

Porém, há uma parte, tanto do grupo de docentes, quanto de não docentes sinalizando que não usou e destacamos aqui uma questão importante, abordada por P77: “Como aluna de um Curso Técnico, eu nunca utilizava emoticons por achar que seria mal interpretada e acharem

isso muito imaturo de minha parte". Ou seja, o uso sendo encarado apenas como elemento de relações sociais, sem espaço no ambiente pedagógico.

Como já informado, a pesquisa foi delineada para ser quali-quanti, então o instrumento utilizado foi composto por perguntas abertas e fechadas. A seguir, traremos as perguntas abertas para apresentação dos dados coletados e análise deles.

Pergunta Aberta 1: Por favor, em breves palavras, explique sua resposta para a pergunta anterior ("Você utiliza aplicativo de conversas instantâneas e os recursos emojis, emoticons, figurinhas em conversas com alunas e alunos?"):

A análise das respostas a esta pergunta revelou uma gama de atitudes e práticas entre os participantes docentes (PD) da pesquisa. As respostas foram categorizadas em três grupos principais:

1. **Usuários Ativos**: Alguns participantes mencionaram que utilizam regularmente aplicativos de conversas instantâneas, bem como emojis, emoticons e figurinhas em suas interações com alunos e alunas. Eles destacaram o uso desses recursos como uma forma de tornar as conversas mais amigáveis, comunicativas e expressivas, conforme algumas transcrições:

PD4	"Utilizo como forma de me aproximar dos meus alunos, tendo o cuidado de não parecer muito informal."
PD9	"Utilizo pois aproxima e torna a conversa mais afetuosa e acredito na educação através do afeto."
PD39	"Para tornar a conversa mais leve e sem nível de cobrança, uso emojis alegres e neutros."
PD41	"Tornar as mensagens mais próxima e falar a linguagem dos alunos."

Observamos que há uma preocupação por parte dos docentes de conseguir uma boa interação com os discentes, o que certamente facilita o processo de construção do conhecimento. O PD4, porém, ressalta que toma o cuidado de "não parecer muito informal", o que revela um pensamento ainda bastante verticalizado da relação entre professor-aluno, em que o limite da relação precisa estar bem demarcado, para não ameaçar a figura de autoridade do docente.

2. **Usuários Ocasionais**: Outros participantes relataram que usam esses recursos de forma esporádica, dependendo do contexto da conversa ou da preferência do aluno. Eles mencionaram que, em algumas situações, os emojis e emoticons podem ajudar a transmitir emoções e facilitar a comunicação:

PD16	“Durante mensagens aos alunos em alguns momentos coloco figurinhas.”
PD10	“Eu utilizo em comunicações fora da sala de aula, ao passar informes. Acho que a relação fica mais próxima.”
PD18	“Já apliquei quando estava dando aula na modalidade remota. No momento não estou utilizando!”
PD31	“Usava apenas nas aulas online que eram realizadas na pandemia. Mandava com as atividades enviadas e também para elogiar os trabalhos realizados pelos alunos.”
PD42	“Converso com alunos quando temos algum trabalho a ser produzido. Grupos são formados e desfeitos por esse motivo.”

Entre os usuários esporádicos, podemos observar que o uso na modalidade remota (bastante utilizada no período da pandemia causada pelo coronavírus) é mais comum; inclusive, o PD16 atua tanto presencialmente, quanto na modalidade à distância e pode ser que seu uso esteja relacionado mais a sua atuação no remoto. O PD42, por sua vez, nos traz uma prática bastante comum em alguns níveis de ensino, que é o de criação e extinção de grupos temporários para execução de alguma atividade, situação que facilita a interação entre os participantes e, por conseguinte, a utilização de emojis com diversas intencionalidades.

3. **Não Usuários**: Alguns participantes declararam que não utilizam esses recursos em suas interações com alunos e alunas. Suas razões variaram desde a falta de familiaridade com essas ferramentas até a preferência por uma comunicação mais formal:

PD3	“Não tem maturidade para o uso.”
PD14	“Não uso porque não tenho grupo de WhatsApp com os alunos”
PD20	“Não dou meu contato para alunos. Nos falamos somente no espaço escolar.”
PD21	“Não faz parte da minha metodologia de trabalho”
PD30	“Sem fornecimento de internet”
PD37	“Não quero que alunos tenham acesso a meu número de telefone.”

Entre os não usuários, observamos uma preocupação por parte de docentes em não compartilhar seus dados pessoais com os alunos, evitando assim alguns atritos, pois muitas pessoas acabam sendo inconvenientes, acarretando, por vezes, problemas que atingem diretamente o docente em sua atividade profissional. Um outro entrave para o uso dos emojis, sinalizado pelo PD30, é a falta de provedor de internet no âmbito escolar. Se um professor tem a intenção de incorporar à sua prática instrumentos tecnológicos, encontra este obstáculo logo no início, pois não podemos exigir que os alunos tenham celulares e/ou pacote de internet para desenvolver um trabalho em sala de aula.

Pergunta Aberta 2: "Em conversas com alunas e alunos, qual a sua intenção ou intenções ao utilizar os recursos de emojis, emoticons e/ou figurinhas?"

Dentre os usuários, sejam frequentes ou ocasionais, as respostas a esta pergunta foram agrupadas em várias categorias de intenções ao usar emojis, emoticons e figurinhas:

1. **Aproximar:**

PD2	"Quebrar o distanciamento."
PD33	"Para uma maior proximidade e informalidade."
PD39	"Transmitir uma proximidade e tornar a conversa interessante."

Mais uma vez verificamos, aqui, a necessidade de os professores conseguirem um bom diálogo com os discentes, para que a relação seja mais próxima, mais horizontal e que o processo flua de maneira mais agradável e efetiva.

2. **Atribuir afetividade:**

PD5	"Transmitir sentimentos, afetividade! Amenizar temas densos etc."
PD10	"Estabelecer uma relação mais pessoal com o aluno."
PD12	"Tornar mais afetiva a conversa."
PD15	"Para tornar mais afetiva."
PD18	"Tonar a conversa mais afetiva e atraente."
PD40	"Por afetividade, atenção."

Vários participantes afirmaram que o uso de emojis e emoticons visa criar um ambiente de comunicação mais amigável e acolhedor. Esta categoria de intenções encontra-se intimamente ligada à anterior, pois a proximidade entre indivíduos ocorre exatamente pela questão da afetividade, que contribui para o estabelecimento de uma conexão positiva entre os envolvidos.

3. **Tom Emocional**:

Alguns participantes mencionaram que usam esses recursos para expressar emoções de forma mais clara e facilitar a compreensão do tom da conversa, como podemos verificar nas afirmativas abaixo:

PD7	“Tornar alguns assuntos mais descontraídos. Geralmente só uso sorriso simples e risada com alunos.”
PD20	“Tornar a conversa mais atrativa e divertida.”

4. **Engajamento discente**:

Alguns docentes relataram que usam emojis e figurinhas para envolver os alunos, tornando as conversas mais interativas e dinâmicas. Para tanto, usam esses recursos para personalizar suas mensagens, adaptando-se ao estilo de comunicação preferido pelos alunos, como percebemos pelos comentários de PD26 (“Por ser um recurso atual fica mais fácil para as crianças compreenderem a mensagem e também identificarem seus sentimentos e os de outrem”), PD6 (“Melhorar a comunicação”) e de PD27: “Trazer para as aulas temas e objetos que fazem parte da vivência dos alunos”.

5. **Otimizar a mensagem**:

Os emojis e emoticons também podem ser utilizados para esclarecer ou enfatizar pontos importantes na conversa, conforme sinalizado por PD9: “Pontuar/enfatizar exatamente o tipo de informação que estou escrevendo por palavras”.

6. **Elogiar**:

Há docentes que usam emojis para expressar apoio, incentivo e reconhecimento pelo desempenho dos alunos, como pontuado por PD4: “Enfatizar a importância das tarefas solicitadas, encorajar e parabenizar.”

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A convivência e a comunicação em sociedade produzem culturas e também são reguladas por ela, sendo assim, a realidade social dos sujeitos é construída a partir dos elementos da cultura compartilhados em ambientes e ações comuns seja em seus aspectos tangíveis ou intangíveis (Fonseca, 2016). O avanço das tecnologias digitais transformou a comunicação e os relacionamentos, encurtando distâncias geográficas e modificando as dinâmicas comunicacionais.

No contexto da presente pesquisa, os docentes responderam sobre as intencionalidades no uso de emojis, emoticons e figurinhas com os discentes e o elemento que mais surgiu foi a afetividade, portanto não se trata do uso das ferramentas tecnológicas em si, mas da dimensão humana envolvida nesta interação.

A maioria dos participantes docentes que utilizam emojis demonstraram valorizar a dimensão afetiva no sentido de encurtar o distanciamento e tornar a relação mais significativa, despertando a curiosidade do estudante a partir do uso de uma linguagem que faz parte de seu cotidiano. Entretanto, 52,8% dos docentes afirmaram que não trocam mensagens com os estudantes por meio de aplicativos e redes sociais. Entre os motivos mencionados, destaca-se a preferência por não passar o telefone pessoal para os estudantes, pois pode tornar a relação desrespeitosa, antiprofissional, ou pelo nível de ensino em que lecionam (educação infantil, público adolescente e educação especial).

Para Freire (2000, p.14), o exercício da prática pedagógica alinha-se a um conjunto de competências que não podem ser dissociadas da atividade profissional, sendo essas: “experiência diretiva, política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética”. Sendo assim, o professor, ao assumir uma postura crítico-reflexiva, o que vai de acordo com as Diretrizes Nacionais para a educação brasileira, deve estar ciente de que é necessário que se assume como um ser social e histórico, que reflete e se comunica. “A aprendizagem da assunção do sujeito é incompatível com o treinamento pragmático ou com o elitismo autoritário dos que se pensam donos da verdade e do saber articulado” (Freire, 2011, p. 23).

Perrenoud (2000) defende o uso das novas tecnologias na educação e descreve que a inclusão e aprendizado sobre elas parte de uma das dimensões da formação docente na contemporaneidade. Ressalta, entretanto que há uma grande diferença em ensinar o uso de *softwares* do ensino da interpretação da comunicação digital, defendendo que as novas tecnologias devem despertar o senso crítico e o julgamento na análise dos textos lidos virtualmente, bem como incorporar ao aprendizado, novas habilidades da comunicação.

O professor e a educação estão em constante movimento transformador, sendo as rupturas e continuações marcos para as inovações pedagógicas que conferem dimensões reais do trabalho docente, tanto no compartilhamento dos conhecimentos construídos socio-historicamente quanto das competências e habilidades estimadas para a vivência no século XXI. Dentro de tais pressupostos, foram criadas as categorizações que auxiliam na análise dos resultados, os relacionando à literatura. Foram criadas três categorias: Afetividade e Motivação, Resistência ao uso dos emojis e Inovações Pedagógicas.

Afetividade e Motivação

A relação interpessoal entre professor e estudante é parte do processo educacional, em que as pessoas se unem para trocas de experiências, emoções e de conflitos quanto ao Outro, ao Eu e à disciplina.

Em sentido afetivo-emocional, assim como os resultados da presente pesquisa, Affonso e Rocha (2013) evidenciaram que os sujeitos envolvidos no processo educacional são motivados e aproximados na relação de afeto que os emojis podem atribuir ao diálogo professor e aluno, sendo defendido por Freire (2017), para quem a educação tem sua essência na relação dialógica, como situação gnosiológica, pois sem o diálogo desaparece a intencionalidade educativa.

A pedagogia freiriana afirma que o conhecimento não pode ser uma imposição, mas sim, a problematização temática de assuntos do interesse cotidiano, para que por sua codificação pedagógica, educador e educandos encontrem os significados pelo diálogo, solidificando a compreensão significativa que leva à aquisição do conhecimento (Freire, 2017).

Aubert *et al.* (2016) são educadores que atuam em instituições educacionais espanholas e se dedicam ao estudo da inclusão de minorias por meio das práticas educacionais. Pela perspectiva da educação dialógica, não se pretende anular o que foi produzido anteriormente na educação, mesmo considerando que a educação verbalista contribui para a opressão e reprodução de desigualdades entre os sujeitos. Compreende-se que, no modelo patriarcal da sociedade, os métodos da educação tradicional se mostravam funcionais para manter o *status quo*, porém, diante das intensas transformações sociais e tecnológicas, o diálogo é a peça-chave para promover altos níveis de aprendizado.

Observamos que emojis são usados como um recurso para atenuar o rigor de mensagens, como ferramenta de incentivo e aprovação, gerando maior engajamento do estudante em seu percurso escolar/acadêmico.

Queiroz (2019) fez uma pesquisa para investigar a influência do letramento digital docente, no uso dos aplicativos móveis e seus recursos, em comunicação com os discentes e como ferramenta didática em sala de aula. Nela, Queiroz contou com 38 participantes de um curso de formação continuada sobre o uso do WhatsApp como recurso de interação e aprendizagem. Eles afirmaram que as motivações para participar do curso foram o reconhecimento do potencial do aplicativo na educação, ampliação dos recursos disponíveis no WhatsApp para despertar a motivação dos estudantes e a incorporação das tecnologias de uma forma orientada e metodológica.

Os docentes da presente pesquisa, assim como os docentes da pesquisa de Queiroz (2019), em considerável parcela reconhecem que os recursos tecnológicos são potenciais para promover o interesse do estudante: “O uso dos Emojis com certeza ajuda a manter o incentivo, a atenção e o cuidado nas relações humanas hoje tão digitais” (PD6).

O professor trabalha diretamente com as questões socioculturais dos alunos e com a bagagem trazida por eles. O papel do professor é arranjar uma entrada no sistema cognitivo do estudante para desestabilizá-lo e equilibrando novamente a partir dos novos conhecimentos adquiridos (Perrenoud, 2000). Para tanto, o docente necessita ter um conhecimento geral dos aspectos da personalidade de sua turma para conseguir essa porta de entrada para novos conhecimentos.

Como afirma PD40, “O uso de carinhas com expressão ajuda a exprimir a emoção, estado de espírito e sentimentos da mensagem; só com as palavras escritas pode não dar a conotação que se quer”. A comunicação multimídia permite que haja maior diversidade na expressão de sentimentos, de emoções e de insegurança do aluno ao docente, facilitando seu planejamento em sala de aula, beneficiando professor e aluno na construção de caminhos, que promovam encontros entre recursos pedagógicos e demandas discentes.

As potencialidades e a irreversibilidade da presença do mundo digital no cotidiano exigem maior consciência docente quanto às transformações sociais e suas consequências para uma aprendizagem significativa.

Resistência ao uso dos emojis

Affonso e Rocha (2013) explicam que existem algumas resistências quanto ao uso de emojis pelos docentes e estudantes, como a crença de que as emojis tornam a comunicação informal, estabelecendo uma linha tênue entre a formalidade da relação professor/aluno e a quebra do respeito que deve existir nesta relação.

Na presente pesquisa, percebemos resistência ao uso de emoji no que tange à associação dos pictogramas com maior pessoalidade, que poderia ser confundida com uma aproximação que ultrapasse a relação profissional: “Não uso porque não tenho grupo de WhatsApp com os alunos” (PD14), “Não dou meu contato para alunos. Nos falamos somente no espaço escolar” (PD20) e “Não quero que alunos tenham acesso a meu número de telefone (PD37)”.

As crianças, desde a educação infantil, já lidam com as tecnologias digitais, seja no reconhecimento e uso de emojis, seja por celulares, por jogos, em brinquedos ou desenhos infantis. Esta realidade requer uma postura ativa e crítica docente, percebendo que seus alunos, mesmo que na educação infantil, já têm contato com o mundo virtual e podem interagir com recursos que lhe permitam a formação do letramento digital. Entretanto, alguns professores afirmaram que o uso de emojis não se aplicava em seus casos, pois trabalhavam com crianças muito pequenas, da educação infantil, como PD19 – “Os alunos são muito pequenos para entender, e muitos não possuem celular” - e PD51: “Sou professora da Educação Infantil e não uso aplicativo de conversas com as crianças”.

É compreensível o entendimento que tais docentes têm quanto à comunicação digital, porém, é possível o uso desta já na Educação Infantil ou, ainda, por meio de atividades e jogos que façam uso de emojis, conforme respostas do PD13 - “Costumo usá-los, através de representação em papel, por exemplo, para trabalhar as emoções, percepção do seu significado, interpretação, dentre outros” - e do PD17: “Como sou da Educação Infantil, trabalhar com emojis/figurinhas é uma boa ferramenta para trabalhar as emoções e a leitura de mundo”.

Recursos Pedagógicos

Os emojis são os novos recursos da comunicação, completando o texto escrito com os recursos visuais, como afirmado por PD45: “a comunicação é muito mais do que apenas palavras, e os emojis, figurinhas e gifs estão a serviço da comunicação 😉”. É o que também afirmou PD55: “Acho os emojis e figurinhas um recurso visual para expor sensações e sentimentos que talvez por palavras não tenham tanta clareza. Além disso, acho um ótimo recurso para pessoas com dificuldades na escrita e/ou dificuldades visuais”.

O discurso de PD55, afirmando os emojis por seu potencial inclusivo, a partir da facilitação da comunicação para as pessoas que sentem dificuldades com a escrita de textos, por dificuldades visuais para digitar em teclados de celulares que, por vezes, têm letras pequenas, pode ser ainda complementado a partir da potencialidade dos símbolos para a educação de

pessoas com transtorno do espectro autista e outras deficiências que comprometem a linguagem e comunicação verbal.

Vicente et al (2006) afirmam que, a partir dos recursos da Comunicação Alternativa, organizada em elementos não-verbais, como a pictografia, auxiliam a acessibilidade dos alunos com deficiência, garantindo maior autonomia e qualidade de vida. Ao adaptarem uma história infantil para a pictografia, os autores revelaram que os alunos com deficiência que participaram da atividade demonstraram melhoras na linguagem e comunicação e, após dois meses de familiarização com a simbologia, as crianças já estavam adaptadas e capacitadas para a interpretação dos símbolos, o que auxiliou a superar barreiras no desenvolvimento causadas pelas falhas na comunicação, além de promover o desenvolvimento cognitivo e social.

Alguns docentes participantes da presente pesquisa enfatizaram justamente o potencial comunicativo dos emojis para promover a participação e inclusão de todos os estudantes nas atividades da sala de aula: “Reiterando que acredito que a comunicação por gravuras, figuras e imagens faz parte da comunicação humana e tem sua origem nas pinturas rupestres” (PD62).

Os processos comunicacionais sofreram transformações, sendo os veículos digitais responsáveis por propiciarem o rompimento das barreiras espaciais e temporais que limitam o contato entre pares e professor ao espaço escolar. Muitos docentes que participaram da pesquisa afirmaram que utilizaram o aplicativo WhatsApp e os emojis no período pandêmico, para que pudessem prosseguir com o contato com os estudantes em contexto remoto, porém, revelaram que não prosseguiram com a prática, diante da volta ao ensino presencial.

Dos depoimentos extraídos no questionário aplicado aos docentes da educação básica, houve menções quanto ao uso dos emojis como motivadores para a participação e engajamento não somente dos alunos, quanto da família, que no contexto do ensino remoto tornaram-se fundamentais para que as atividades programadas para o ano letivo pudessem prosseguir: “Durante o período de Ensino online (2020/2021) os emojis foram utilizados para incentivar os alunos e suas famílias durante as atividades propostas” (PD7).

Santos e Santos (2021) enfatizam que no momento inoportuno da pandemia, os professores se viram desafiados diante das soluções emergenciais com o uso das tecnologias como mediadoras da comunicação e aprendizagem na educação. Apesar das propostas tecnológicas para a educação remota serem alternativas para um momento de distanciamento, houve a reflexão sobre a necessária inserção da tecnologia em sala de aula.

Muitos professores já faziam uso das tecnologias digitais em suas aulas; Santos e Santos (2021) afirmam que principalmente docentes de escolas particulares, e não tiveram tantas dificuldades com a adaptação ao ensino remoto. Alguns professores que não tinham o hábito

de usar tecnologia passaram, com as experimentações de novos recursos pedagógicos, a inovar suas práticas a partir das tecnologias, mesmo após a volta ao ensino presencial e alguns se mantêm resistentes ao uso da tecnologia digital em sala de aula.

Os professores participantes da pesquisa de Santos e Santos (2021) afirmaram que manter a comunicação com os estudantes por WhatsApp tem potencial de alcançar maior engajamento, porém ressaltaram que mesmo sendo o WhatsApp uma das mídias digitais mais populares, ainda assim, não é de acesso a todos, o que dificulta prolongar as práticas pedagógicas por tecnologias.

Além de comunicar, transmitir maior afetividade, motivação e aproximação entre professor e estudante, o emoji pode ser usado como um recurso para a inovação das práticas pedagógicas. A geração digital está imersa no contexto das tecnologias, se comunicando a todo momento por aplicações virtuais e linguagem própria, interagindo com ela e a modificando e a relação que a criança constrói com a cultura na era digital entrecruza-se com os novos enfoques da leitura, que não se restringe à ordem alfabética ou verbal (Vasconcelos, 2019).

A educação para a liberdade é aquela que ocorre a partir do diálogo horizontal entre professor e aluno, de acordo com Freire (2011), e o emoji pode ser recurso pedagógico de aproximação entre professor e aluno, porém percebemos preocupação quanto aos significados que podem ser ter, como expressa PD42: “Penso nas diferentes interpretações que os emojis e figurinhas podem gerar”.

Freire (2015) defende a autonomia do estudante diante de sua aprendizagem, de forma que seus conhecimentos e prática ativa são essenciais para que haja aprendizado. Nesse processo, são essenciais a reflexão crítica acerca do que se aprende, compreendendo o significado e como tal saber pode ser utilizado no cotidiano, além do diálogo construtivo entre docente e aluno, expondo os pontos de reflexão e questionamentos sobre o tema estudado.

Pensamento crítico

Quanto à intencionalidade no uso de emojis, demonstramos que foi a afetividade a resposta de maior incidência, inclusive no grupo de não docentes, entretanto, algumas respostas que não emergiram no grupo de docentes revelam que ainda precisamos de mais conhecimentos quanto ao uso de emojis, no que tange à produção e à distribuição deles.

No âmbito da pedagogia crítica freiriana, buscamos ampliar o debate em torno das estruturas sociais que permeiam nossa sociedade. A partir dos dados obtidos, promovemos uma reflexão sobre quem, seja indivíduos ou instituições, determina quais recursos tecnológicos são

utilizados, como eles são disponibilizados e quem detém o controle sobre essas tecnologias. E, talvez, o que mais chama a atenção é que a preocupação docente com essa questão não emergiu de maneira proeminente em nossos resultados.

É inegável que a presença das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) e o uso de emojis, ou outras formas de comunicação multimodal, são uma realidade incontornável no mundo contemporâneo. No entanto, é imperativo que mantenhamos uma postura crítica e consciente em relação a quem, tanto em nível individual, quanto institucional, determina quais tecnologias são adotadas, quais são descartadas e quem tem acesso a elas. Demonstra-se que ainda persiste a influência da hegemonia branca, masculina e economicamente privilegiada na tomada de decisões relacionadas à tecnologia, como a definição de padrões de comunicação e os custos de acesso a equipamentos e redes.

Nossa análise dos emojis e sua integração no contexto educacional nos permitiu refletir sobre questões profundas e multifacetadas relacionadas à tecnologia, à cultura e à justiça social. À medida que consideramos o quanto avançamos nesse cenário, é essencial examinar as complexidades que envolvem o uso de emojis e como eles se relacionam com questões de colonização, gênero e justiça social.

Em relação à colonização, é notável que as representações de emojis ainda reflitam predominantemente a cultura ocidental e eurocêntrica. Embora tenhamos visto algum progresso na inclusão de emojis que representam diferentes grupos étnicos e culturais, muitas lacunas persistem. Essas lacunas podem perpetuar um viés cultural e, por sua vez, reforçar desigualdades e estereótipos.

No que diz respeito às questões de gênero, notamos que os emojis tradicionalmente tendem a seguir estereótipos de gênero, reforçando papéis e expectativas predefinidos. No entanto, vimos uma crescente conscientização sobre a necessidade de emojis mais inclusivos e não estereotipados, como a introdução de emojis de gênero neutro.

A justiça social também se destaca como uma preocupação fundamental. O uso de emojis na educação tem o potencial de aumentar a inclusão digital, uma vez que a comunicação digital se tornou essencial em muitos aspectos da vida contemporânea. No entanto, é importante reconhecer que essa inclusão digital imposta pode, paradoxalmente, aumentar as distâncias sociais: aqueles que têm acesso limitado ou dificuldades em usar a tecnologia digital podem ficar ainda mais marginalizados, aprofundando as divisões já existentes na sociedade.

Além disso, a crescente dependência das tecnologias digitais, incluindo emojis como meio de comunicação, levanta preocupações sobre a autonomia e a capacidade de reflexão crítica. À medida que a comunicação se torna mais rápida e visual, corremos o risco de nos

tornarmos dependentes demais das tecnologias digitais, em detrimento das habilidades interpessoais e da capacidade de comunicação face a face.

À medida que exploramos o uso de emojis no contexto educacional, não podemos ignorar a realidade desafiadora e complexa que enfrentamos em um país que aspira a uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esta tentativa de estabelecer uma base educacional comum para todo o país contrasta com a persistente e, às vezes, antagônica disparidade de recursos e condições educacionais. Questões relacionadas à infraestrutura, formação docente, acesso a equipamentos, distâncias geográficas para que os discentes alcancem suas escolas e as diferenças de acesso à internet e competências digitais são aspectos fundamentais, que delineiam a paisagem educacional brasileira.

Ainda vivenciamos realidades discrepantes, onde algumas regiões podem ter recursos e infraestrutura adequados, enquanto outras lutam para fornecer o básico. Essas desigualdades geográficas, de acesso e infraestruturais perpetuam divisões sociais e educacionais significativas.

No contexto da inclusão digital, a disparidade é ainda mais evidente, à medida que alguns alunos têm amplo acesso à tecnologia e à internet, enquanto outros enfrentam obstáculos significativos. Isso levanta questões profundas sobre equidade no acesso à educação e oportunidades educacionais igualitárias.

Portanto, enquanto exploramos as possibilidades e desafios do uso de emojis na educação, é crucial reconhecer que, antes de alcançar um ambiente educacional verdadeiramente inclusivo e equitativo, precisamos descolonizar nossa abordagem para nortear nossos objetivos educacionais. Isso significa que devemos reconhecer e enfrentar as disparidades sistêmicas que persistem em nossa sociedade.

Embora essas considerações possam parecer utópicas, elas são fundamentadas no desejo genuíno de mudança e progresso. São questões urgentes e atuais que precisam ser abordadas no aqui e agora. Somente através de um compromisso contínuo com a justiça social e a igualdade de oportunidades, poderemos verdadeiramente alcançar os ideais de uma educação inclusiva e acessível para todos os brasileiros.

Da constatação à ação

> *"As universidades pensam para a sociedade executar. Isso é coisa do desenvolvimento por isso que elas deram certo. Porque foram feitas para pensar o desenvolvimento. Pensaram e desenvolveram, desenvolvimento é desconexão. É desastre. É deslocamento. Tanto é*

> *que pensa-se num lugar para fazer no outro. Que doideira!"*
> (Nêgo Bispo - Antônio Bispo dos Santos)

O Mestrado profissional é uma modalidade de pós-graduação, que se destaca por sua ênfase na aplicação prática do conhecimento advindo de estudos e de pesquisa científica, expressos na dissertação, em harmonia ao pensamento de Morin (2015) que aponta a importância do contexto e da abrangência no conhecimento. Ela sugere que o conhecimento relevante é aquele que não apenas compreende uma informação isolada, mas também a situa dentro de um contexto mais amplo e, se possível, a relaciona com outras informações e com a prática. Para o autor, o progresso do conhecimento não é impulsionado principalmente por torná-lo mais complexo, formal ou abstrato, mas sim pela capacidade de entender como as informações se encaixam e se interconectam.

Há, desta forma, a união entre uma inquietação de pesquisa, uma demanda real do espaço laboral e a elaboração de um produto educacional, resultando em um ciclo sinérgico poderoso entre prática, teoria e prática.

No caso do presente trabalho, a combinação entre a pesquisa acadêmica e a prática, a partir dos resultados da pesquisa, gerou o desejo de compartilhar reflexões, práticas, pesquisas científicas, numa abordagem dinâmica fortalecedora da relação entre teoria e prática,

Recorremos ao diálogo entre as palavras de Nêgo Bispo (2023): "(...) pensa-se num lugar para fazer no outro" e de Paulo Freire (2011), "É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática" para declaramos nosso objetivo para o produto educacional que elegemos, um Podcast, pois acreditamos que, no mundo atual, as reflexões, as pesquisas, a academia e a prática, devem estar presentes de forma polifônica, dinâmica e acessível a qualquer momento, a quem desejar pensar junto.

O termo "podcast" é uma junção das palavras "iPod", o popular dispositivo de áudio da Apple, e "broadcast", que significa transmissão ou difusão. A origem do podcast remonta ao ano de 2004, quando Ben Hammersley, colunista do jornal britânico The Guardian, cunhou essa palavra para descrever uma nova forma de distribuição de áudio na internet.

No entanto, o conceito de disponibilizar arquivos de áudio online já existia antes do termo "podcast" ser criado. Antes de sua popularização, as pessoas já compartilhavam arquivos de áudio na internet, mas a criação do termo e a adoção generalizada desse formato trouxeram uma estrutura mais organizada e acessível para a distribuição de conteúdo de áudio sob demanda.

O podcast foi impulsionado pelo lançamento do iPod e pelo desenvolvimento de software que permitia aos usuários assinarem e baixar automaticamente episódios de programas de áudio para seus dispositivos portáteis. Isso tornou mais fácil para as pessoas ouvirem programas de rádio, discussões, entrevistas e outros tipos de conteúdo de áudio em seus próprios termos, em qualquer lugar e a qualquer momento.

Desde então, os podcasts têm evoluído significativamente e se tornaram uma forma popular de entretenimento, informação e educação, com uma ampla gama de tópicos e estilos de produção disponíveis para uma audiência global. Eles desempenham um papel importante na democratização da mídia, permitindo que criadores independentes compartilhem suas vozes e perspectivas com o mundo.

O Podcast é recurso de mídia digital, que oferece episódios de áudio (ou até mesmo de vídeo) que podem ser transmitidos ou baixados pela internet. Geralmente são organizados em séries, abordando tópicos diversos, notícias, entretenimento e também temas educacionais e, de acordo com Freire, "essa tecnologia apresenta um novo campo de ação, promotor de um híbrido entre o que há de mais moderno e mais tradicional na educação: o meio on-line e a oralidade" (Freire, 2013a, p. 175).

Originalmente ganhou popularidade no mundo do entretenimento, mais especificamente da música, porém tem conquistado um espaço significativo no cenário da educação e na formação docente, demonstrando-se uma ferramenta valiosa quando aplicada ao contexto educacional.

O podcast apresenta algumas características que conduziram nossa escolha, sendo estas: Flexibilidade, autonomia de horário, diversidade de conteúdo, simplicidade tecnológica..

A flexibilidade expressa-se no acesso a conteúdos de forma flexível, portanto, o aprendizado para diferentes estilos de vida e necessidades. Seja direcionado a discentes (professores podem disponibilizar conteúdo educacional em formato de áudio) ou a docentes, que podem acessar conteúdos diversos atinentes à profissão., compreendendo também a questão do horário de acesso**.** Diferente de programas de rádio, é possível escolher quando e onde ouvir os episódios, pois enquanto "o rádio produz conteúdos para escuta instantânea em horários pré-definidos […], o podcast trabalha com programas singulares, para acesso sob demanda, de acordo com os horários e locais escolhidos por seu público" (Freire, 2013b, p. 43).

A diversidade de conteúdo abrange uma ampla variedade de tópicos e formatos, incluindo palestras, entrevistas, debates e narrações, associando-se à relativa simplicidade tecnológica que requer, uma vez que podem ser acessados em dispositivos móveis, computadores e televisões (smart TV).

Entretanto, cabe ressaltar, também, alguns pontos desfavoráveis aos podcasts: exclusão de deficientes auditivos, uma vez que estas não têm acesso a conteúdos de áudio, pois ainda não é comum que todas as plataformas ofereçam legendas (automáticas ou não); barreira tecnológica, embora os podcasts sejam amplamente acessíveis, ainda existe uma barreira tecnológica para quem não tem acesso à internet ou a dispositivos compatíveis; falta de interação em tempo real, pois a depender do nível de competência tecnológica do ouvinte, os podcasts são uma forma de mídia unilateral, pois, por óbvio, não há interação em tempo real com os apresentadores ou outros ouvintes.

Em conclusão, os podcasts apresentam vantagens significativas para a formação continuada docente. Sua flexibilidade, acessibilidade e capacidade de envolvimento são pontos fortes, mas é importante superar as barreiras de acessibilidade e garantir a qualidade do conteúdo. Quando usados de forma eficaz, podem enriquecer a experiência educacional e promover aprendizagem, discente e docente.

Nosso podcast, que pode ser apreciado no *link* https://podcasters.spotify.com/pod/show/ceudaescola/episodes/Sobre-o-podcast-e29so2k, recebeu o nome de *Céu da Escola*, inspirado no de Rubem Alves (2002), *Gaiolas ou Asas?*:

> Escolas que são asas não amam pássaros engaiolados. O que elas amam são os pássaros em voo. Existem para dar aos pássaros coragem para voar. Ensinar o voo, isso elas não podem fazer, porque o voo já nasce dentro dos pássaros. O voo não pode ser ensinado. Só pode ser encorajado.

A denominação escolhida faz alusão ao termo "chão da escola", amplamente reconhecido no campo educacional para representar a prática de sala de aula, o cotidiano escolar e todas as complexas interações e desafios atinentes aos fazeres pedagógicos em ambiente educacional.

Entendemos que o título *Céu da Escola* sugere uma expansão da perspectiva em relação ao cotidiano escolar e aos pressupostos relativos aos objetivos educacionais e pode incentivar reflexões sobre o cotidiano escolar, ao mesmo tempo que inspira educadores e demais interessados a olhar para além das tarefas diárias.

A partir de uma realidade concreta, seguimos, cotidianamente, para materialização de potencialidades, desejos e sonhos. Nesse caso, a metáfora do significante *céu* sugere que, apesar de desafios e realidades do "chão da escola", existe uma aspiração ou ideal que a educação busca alcançar na formação humana e cidadã. Portanto, o título é uma escolha que utiliza uma metáfora relacionada ao "chão da escola" para sugerir uma perspectiva mais ampla e inspiradora sobre o campo educacional.

Nossa opção pelo produto didático escolhido ocorreu em função de alguns objetivos, a saber: disponibilizar um suporte acessível e flexível para oferecer conteúdo educacional em formato que permita aos ouvintes escolherem quando e onde desejam consumir o conteúdo; promover um debate que integre teoria e prática, por compreendermos ser fundamental e um anseio entre docentes; desenvolver e manter um produto dinâmico que não se encerre com o fim da apresentação dos resultados da pesquisa, uma vez que terá continuidade e diversidade de assuntos atinentes às tecnologias digitais aplicadas à Educação.



Figura de capa do podcast “Céu da Escola”

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso percurso investigativo quanto à intencionalidade docente no uso de emojis em contexto educacional verificou que a resposta mais recorrente apontou para a afetividade como principal intenção no uso de emojis em conversas digitais, nos diversos níveis educacionais.

A afetividade também foi a resposta mais recorrente no grupo de não-docentes, o que nos leva a deduzir que os emojis servem para dar conta de uma lacuna deixada pela linguagem escrita, que por si só parece não suprir, na totalidade, a intenção de quem escreve. Um emoji pode acrescentar à mensagem diversas intenções e sentimentos - como simpatia, desagrado, cansaço, amor, tristeza, alegria, raiva, entre muitos outros -, colaborando para a aproximação ou distanciamento entre os envolvidos no processo comunicativo.

Ao utilizar emojis nos aplicativos de conversas com os discentes, os docentes buscam uma aproximação maior com eles, pois estão utilizando uma linguagem mais próxima da vivenciada no dia a dia deles e isso facilita não apenas o entendimento e desenvolvimento das propostas pedagógicas, mas também uma maior aderência a elas.

A questão da faixa etária dos docentes não surgiu como elemento determinante no uso ou não de emojis. Em relação à questão de gênero, não houve como estabelecer uma correlação, pois a representatividade dos docentes declarados masculinos foi muito menor do que os femininos.

Além da afetividade, apenas dois docentes sinalizaram a intenção de promover maior clareza no discurso, sendo este motivo bastante questionável, visto que alguns emojis podem ter o seu significado interpretado de maneira diversa, dependendo de quem o utiliza e/ou recebe.

Algumas respostas obtidas na pesquisa apontam para uma ausência de intencionalidade no uso de emojis por docentes. Apesar de ser em número muito reduzido, não podem ser simplesmente ignorados, visto que carregam um significado. Há docentes que os utilizam apenas por ser um recurso atual (total de seis), um docente afirmou utilizar porque gosta e um outro nunca sequer pensou no porquê de utilizar os emojis. Essa falta de intencionalidade nos remete a várias questões ao nos debruçarmos sobre o assunto.

A fundamentação teórica do presente trabalho - ancorada na pedagogia crítica freiriana - e a pesquisa desenvolvida, relacionada à produção, publicização e uso de emojis contribuem para uma perspectiva mais reflexiva e libertadora.

Em resumo, o uso de emojis por docentes e sua influência na educação refletem um panorama complexo e em constante evolução. Enquanto avançamos em direção a uma sociedade mais digitalizada, é imperativo que permaneçamos vigilantes em relação à inclusão,

justiça social e ao impacto dessas tecnologias em nossa vida cotidiana. Somente por meio de um entendimento crítico e de uma abordagem consciente, podemos garantir que a tecnologia, incluindo os emojis, contribua para um mundo mais equitativo e justo, em vez de aprofundar divisões e desigualdades.

Portanto, é crucial que continuemos a debater essas questões, não apenas no campo da educação, mas em todas as esferas da sociedade. Devemos estar atentos aos aspectos positivos das TDICs, como a ampliação do acesso à informação e a possibilidade de uma comunicação mais inclusiva por meio dos emojis, ao mesmo tempo em que questionamos e desafiamos as estruturas que perpetuam desigualdades e exclusões. Somente assim poderemos avançar em direção a uma sociedade em que as tecnologias estejam verdadeiramente a serviço de todos.

REFERÊNCIAS

AFFONSO, L. M. S.; ROCHA, H. M. Emoticons: o fator humano da tecnologia na educação a distância. In: Anais do **X Simpósio de Excelência e Gestão e Tecnologia**, 2013. Disponível em: https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos13/49518570.pdf. Acesso em: 13 set. 2023.

ALDUNATE, N.; GONZÁLEZ-IBÁÑEZ, R. An Integrated Review of Emoticons in Computer-Mediated Communication. **Frontier in Psychology**. v. 7, 2016 doi: 10.3389/fpsyg.2016.02061. Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2016.02061/full. Acesso em: 18 jan. 2023

ALVES, Rubem. **Por uma educação romântica**. Campinas: Papirus, 2002, p. 29-32.

ALZINA, R. B. Educación emocional y competencias básicas para la vida. Revista de Investigação Educativa, v. 21, n. 1, p. 7- 43, 2003. Disponível em: https://docplayer.es/6311339-Educa-cion-emocional-y-competencias-basicas-para-la-vida.html. Acesso em: 28 jul. 2023.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS - ABNT, 2023. Disponível em: https://www.abntcatalogo.com.br/pnm.aspx?Q=VzhyV1dKNUdlYzY5Z3IrakJTTytWbDk0cEtvRnd1NVI3a2JVSy9KckVTdz0=. Acesso em 17 jul. 2023.

AUBERT, A. *et al*. **Aprendizagem Dialógica na Sociedade da Informação.** São Carlos: EdUFSCar, 2016.

BAI, Q.; DAN, Q.; UM, Z.; YANG, M. **A systematic review of emoji**: current research and future perspectives. Frontiers, 2021. Psychol. doi: 10.3389/fpsyg.2019.02221 Disponível em: https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fpsyg.2019.02221/full. Acesso em 18 jan. 2023.

BORTOLAZZO, S.F. **Das conexões entre cultura digital e educação**. ETD - Educação Temática Digital. Campinas, SP. v. 22, n. 2, p. 369–388, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.20396/etd.v22i2.8654547. Acesso em 28 maio 2023.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidente da República, [2020]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 08 maio 2023.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 28 nov. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/195-secretarias-112877938/seb-educacao-basica-2007048997/12598-publicacoes-sp-265002211. Acesso em: 17 fev. 2023.

BRASIL. **Decreto nº 4.829**, de 3 de setembro de 2003. Dispõe sobre a criação do Comitê Gestor da Internet no Brasil - CGIbr, sobre o modelo de governança da Internet no Brasil, e dá

outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4829.htm. Acesso em: 16 mar 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 18 jan. 2023.

BRASIL, **Lei nº 13.005**, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Brasília: Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, 26 jun. 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 08 jan. 2023.

BRASIL. **Lei 14.533**, de 11 de janeiro de 2023. Brasília, 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm Acesso em: 22 fev. 2023.

CAMPOS, Marcio D'Olne. **Saberes SULeados**: escritas e leituras de mundos com Paulo Freire, Revista Cogitare**,** v. 5, Dossiê n° 1, 2022, p. 290-316

CAROTENUTO, F. M.; ESTEVAM, H. M.; PEREIRA, O. J.; MARQUES, W. The current "competent" school, under the ethical impasse between (only) instrumentalizing or humanizing in the mediation with the Information and Communication Digital Technologies. **Research, Society and Development**. v. 9, n. 12, p. e46591211569, 2020. DOI: 10.33448/rsd-v9i12.11569. Disponível em: https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/11569. Acesso em: 13 out. 2022.

CAZELOTO, E. **A inclusão digital e a reprodução do capitalismo contemporâneo**. São Paulo, 2007. Tese (Doutorado em Comunicação). Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: https://tede.pucsp.br/bitstream/handle/4980/1/Edilson%20Cazeloto.pdf. Acesso em 25 jul. 2023.

CENTRO DE INOVAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA. CIEB: **Referências para construção do seu currículo de Referência em Tecnologia e Computação da educação básica**. Disponível em: https://curriculo.cieb.net.br/. Acesso em: 27 maio 2023.

CHURCHES, Owen et al. **Emoticons in mind**: an event-related potential study. 2014. Social Neuroscience, doi: 10.1080/17470919.2013.873737. Disponível em: https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24387045/ Acesso em: 23 dez. 2022

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DUGNANI, P. **Pós-Modernidade e Comunicação**: dos meios de massa aos meios digitais. Revista Comunicação e Inovação, v. 21, n. 45. 2020. Disponível em: https://doi.org/10.13037/ci.vol21n45.6201. Acesso em: 14 abr. 2023.

FAHLMAN, Scott. **The birth, spread, and evolution of the smiley emoticon**. Pensilvânia, 2021. Disponível em: http://www.cs.cmu.edu/~sef/Smiley2021.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.

FONSECA, R. R. da. Multiletramentos nas redes sociais: o papel dos emoticons no processo de significação. In: Anais do **XI Seminário de Pesquisa em Ciências HumanaS – SEPECH** Humanidades, Estado e desafios didático-científicos. Londrina, 2016.

FRANCO, M. **Prática pedagógica e docência**: um olhar a partir da epistemologia do conceito. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Scielo Brasil, n. 97, p. 534 – 551, 2016. Disponível em: https://doi.org/10.1590/s2176-6681/288236353. Acesso em: 02 mar. 2023.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire.** São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, Paulo. Que saudade da professorinha. Nova Escola, [S.l.], dez. 1994. Disponível em https://acervo.paulofreire.org/handle/7891/3012. Acesso em: 20 maio 2023.

FREIRE, Paulo. **A máquina está a serviço de quem?** Revista BITS, São Paulo, v. 1, n. 7, p. 6, 1984. Disponível em: https://acervo.paulofreire.org/items/56acda0f-3ad1-4bc4-84f7-090001dc07f7. Acesso em: 06 abr. 2023

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013b

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013c.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; FREIRE, Ana Maria de Araújo. **À sombra desta mangueira**. 11. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano de professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GALLOWAY, Paul. **The original NTT DOCOMO emoji set has been added to The Museum of Modern Art's Collection.** Nova York: STORIES.MOMA.ORG., 2016. Disponível em: https://stories.moma.org/the-original-emoji-set-has-been-added-to-the-museum-of-modern-arts-collection-c6060e141f61#.t3508xly. Acesso em: 12 nov. 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JOAQUIM, B. dos S.; VÓVIO, C. L.; PESCE, L. **Inclusão e letramento digital na educação de jovens e adultos**: uma análise teórica sob a perspectiva de colonial. Revista Linguagem em Foco, v.12, n.2, p. 248 – 268, 2020. Disponível em: https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/4053. Acesso em: 10 jan. 2023.

JOVEM É PRESO AO USAR EMOJIS QUE AMEAÇAM POLICIAIS. R7, 2022. Disponível em: https://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/jovem-e-preso-ao-usar-emojis-que-ameacam-policiais-29062022. Acesso em 18 nov. 2022.

KONRAD, A. et al. **Sticker and Emoji Use in Facebook Messenger**: Implications for Graphicon Change. *Journal of Computer-Mediated Communication*, vol. 25, maio 2020, p. 217–235. Disponível em: https://doi.org/10.1093/jcmc/zmaa003. Acesso em: 12 jun. 2023.

MACHADO, A. M.; COSTA, D. M. **Experiência e docência**: inquietudes sobre a formação em tempos de clicativismo. CAMINHOS DA EDUCAÇÃO - diálogos culturas e diversidades v. 5, p. 01–16, 2023. https://doi.org/10.26694/caedu.v5i1.3865 Disponível em: https://periodicos.ufpi.br/index.php/cedsd/article/view/3865 Acesso em: 26 jul. 2023.

MAFRA, J.; ROMÃO, J. E.; SCOCUGLIA, A. C.; GADOTTi, M. (Org.). **Globalização, educação e movimentos sociais**: 40 anos da Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Editora e Livraria IPF, 2009. Disponível em: https://acervo.paulofreire.org/items/d3406a2b-c2bb-4b37-b2c9-010d6a852b0c. Acesso em: 05 nov. 2022.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa**: planejamento, execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Trad.: José Fernando Campos Fortes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

McMAHON, Marilyn; KIRLEY, Elizabeth. **When cute becomes criminal**: emoji, threats and online grooming. Minnesota Journal of Law, Science and Tecnology. V. 21, 2019. Disponível em: https://scholarship.law.umn.edu/mjlst/vol21/iss1/3. Acesso em: 18 jun. 2023.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a forma, reformar o pensamento. 22 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

NABOKOV, Vladimir. **Strong Opinions**. New York: Vintage Books, 1990.

NO CANADÁ, EMOJI DE “JOINHA” VALE COMO ASSINATURA, DECIDE JUIZ. **CNN Brasil**, 2023. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/no-canada-emoji-de-joinha-vale-como-assinatura-decide-juiz/. Acesso em: 08 jul. 2023.

O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de destruição em massa**: como o big data aumenta a desigualdade e ameaça a democracia. 1. ed. Santo André, SP: Editora Rua do Sabão, 2020.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. **Alfabetização midiática e informacional** (AMI). Moscou: UNESCO, 2018. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasilia/communication-andinformation/accessto-knowledge/media-and-information-literacy/. Acesso em: 19 ago. 2018.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração universal dos direitos humanos**. 1948. Disponível em: https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos. Acesso em: 19 ago. 2020

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Resolução A/HRC/C/L**. 2016. Disponível em: https://documents-dds-ny.un.org/doc/UNDOC/LTD/G16/131/89/PDF/G1613189.pdf?OpenElement. Acesso em: 17 jan. 2023

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: *Artmed, 2000*.

PRIOLLI, G.; RAMOS, E. **Seymour Papert e Paulo Freire**: uma conversa sobre informática, ensino e aprendizagem. DSpace, 1995. Disponível em: https://acervo.paulofreire.org/items/5ee86c3e-df91-4abd-bbc4-70a21ad2ebe7. Acesso em 15 nov. 2022.

QUEIROZ, C. V. Adoção da inovação, letramento digital e docência: o uso de dispositivos e aplicativos móveis no contexto de formação continuada. 2019. 106f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, 2019.

SANTOS, E. C.; SANTOS, R. F. F. WhatsApp como ferramenta de comunicação entre professores e alunos em tempos de aulas remotas: uso e suas implicações. In: Anais do **10º Simpósio Internacional de Educação e Comunicação**, 2021. Disponível em: https://eventos.set.edu.br/simeduc/article/view/14828/6380. Acesso em: 13 set. 2023.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE DERMATOLOGIA. **Classificação dos fototipos de pele**. Disponível em: https://www.sbd.org.br/cuidados/classificacao-dos-fototipos-de-pele/. Acesso em: 22 março 2023.

TIC KIDS ONLINE BRASIL: QUALIDADE DA CONEXÃO E DOS DISPOSITIVOS AFETAM A PARTICIPAÇÃO DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NA INTERNET. Cetic.br, 2023. Disponível em: https://cetic.br/pt/noticia/tic-kids-online-brasil-qualidade-da-conexao-e-dos-dispositivos-afetam-a-participacao-de-criancas-e-adolescentes-na-internet/. Acesso em: 10 maio de 2023.

UNICODE. 2022. Disponível em: https://unicode.org/reports/tr51/?ref=blog.emojipedia.org#Proposals. Acesso em: 15 jan. 2022.

USPFFLCH. Aquilombar o antropoceno, contra-colonizar a ecologia: confluências entre Malcom Ferdinand e Antonio Bispo. Moderação de Ana Sanches. 1 vídeo (1:46:20) 5’34. YouTube, 13/03/2023. Disponível em: https://youtu.be/7RCuzE6b83k. Acesso em: 15/04/2023.

VASCONCELOS, R. S. de S. Práticas multimodais no aplicativo WhatsApp: apropriação da cultura escrita digital por crianças em processo de alfabetização. Dissertação (Mestrado em Educação), Faculdade de Educação/UFMG, 2019.

VICENTE, S. *et al*. O gato e o tigre: história infantil adaptada ao sistema pictográfico de comunicação SPC. **Actas do 6º Encontro Nacional (4º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração**. Braga, Universidade de Minho, out. 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A educação do comportamento emocional**. In: Psicologia Pedagógica: edição comentada. Porto Alegre: Artmed, 2003.

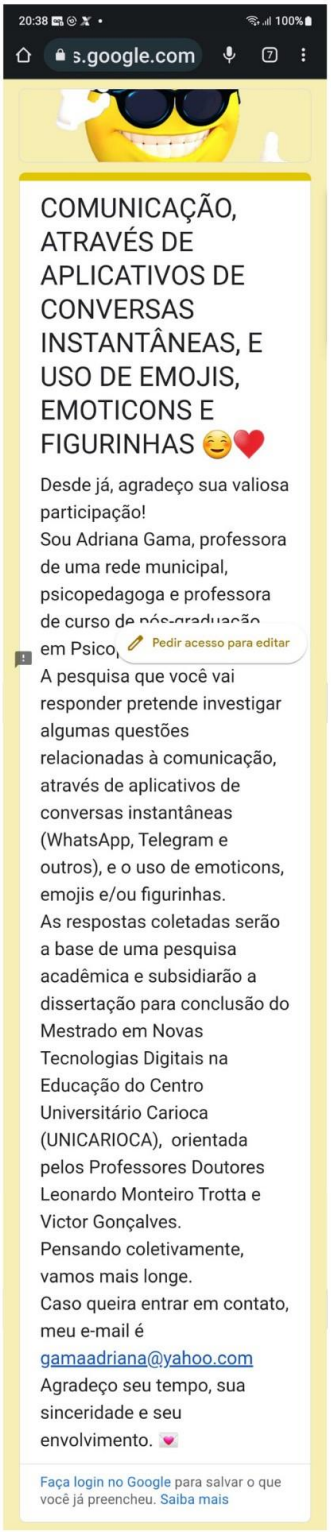
WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1968.

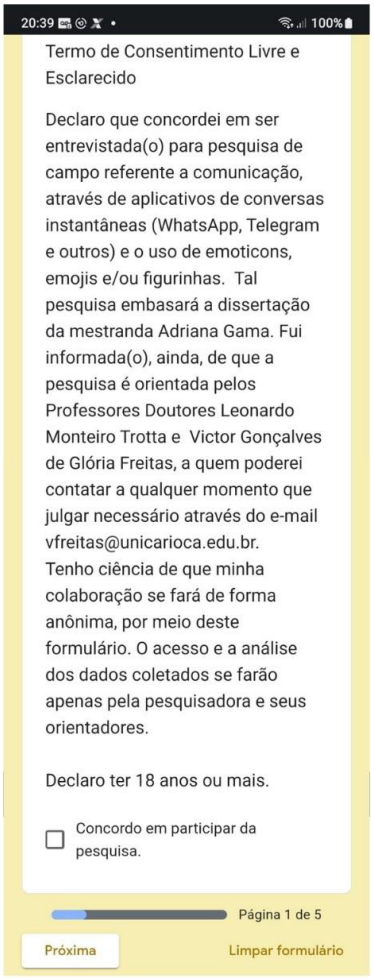
WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

ZIMMER, Benjamin. **The prehistory of emoticons**. Language log. Pensilvânia, 2007. Disponível em: http://itre.cis.upenn.edu/~myl/languagelog/archives/004935.html. Acesso em: 18 maio 2023.

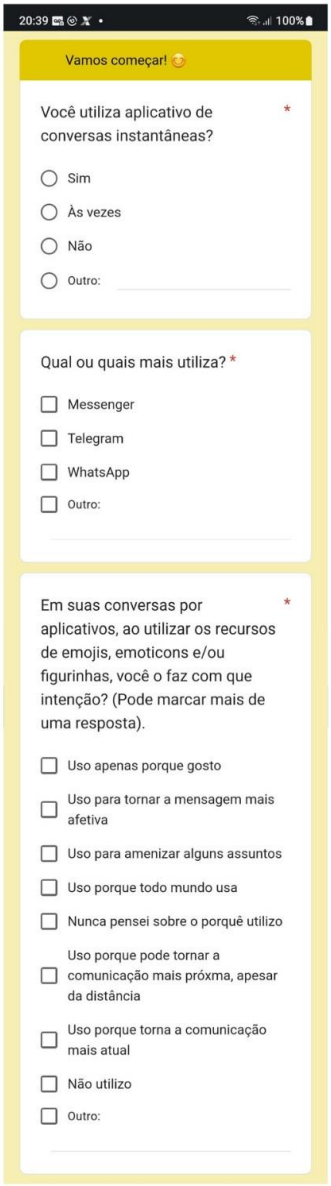
APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO ENVIADO POR LINK DO GOOGLE FORMULÁRIOS

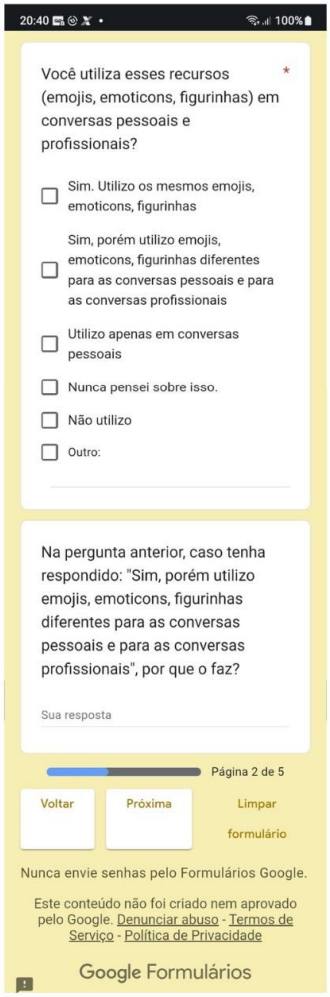




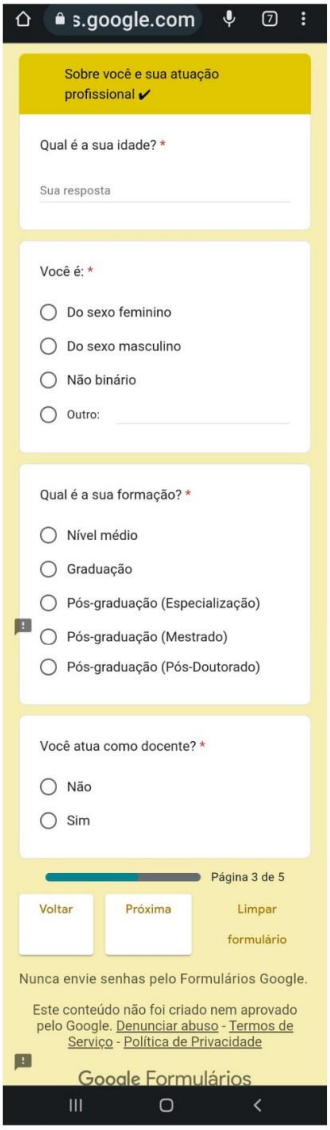
PERGUNTAS PARA TODOS



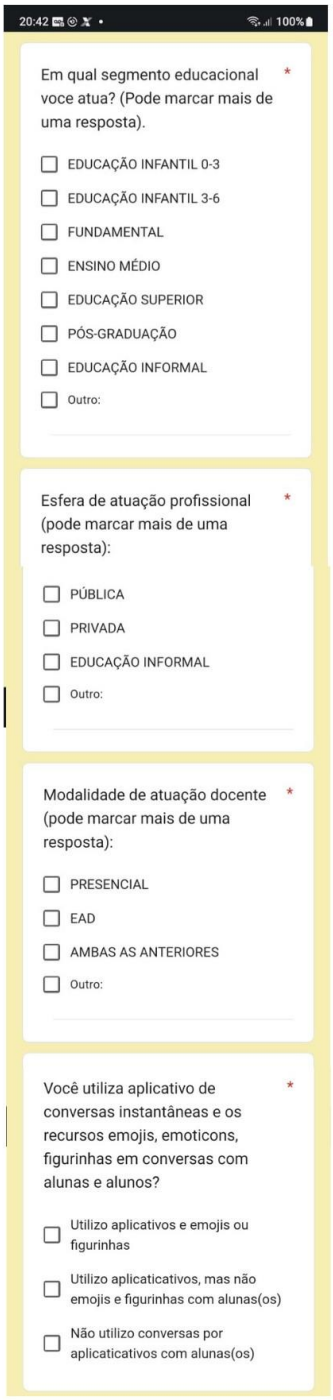
PERGUNTAS PARA TODOS



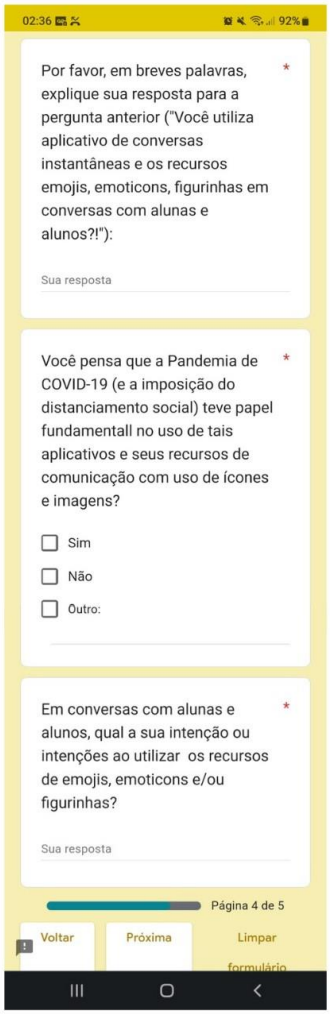
PERGUNTAS PARA TODOS



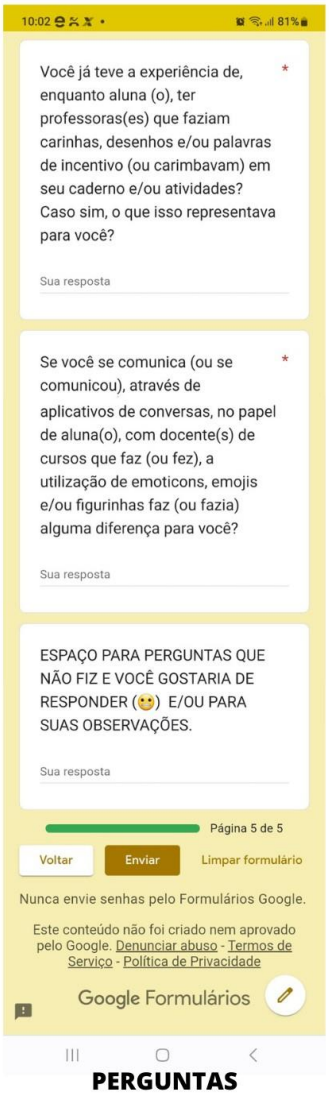
PERGUNTAS PARA TODOS



PERGUNTAS PARA DOCENTES



PERGUNTAS PARA DOCENTES



PERGUNTAS PARA TODOS